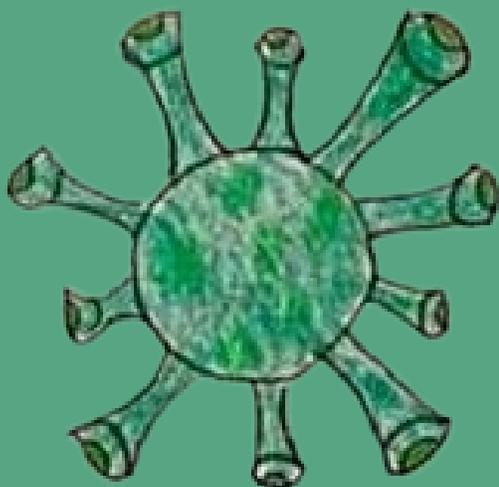


Ensino e aprendizado remoto
habilitados por tecnologias durante a
COVID-19: sentidos e vivências de
alunos de áreas urbanas e rurais da
grande Natal



LUANA CAMPOS GINES LORENA DE SOUZA
IZABEL AUGUSTA HAZIN PIRES

ORGANIZADORES

Luana Campos Gines Lorena de Souza

Pedagoga formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2015). Tecnóloga em Gestão Pública pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (2021). Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade do Piauí (2016) e em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (2020). Mestra em Inovação em Tecnologias Educacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2022). Atualmente é professora efetiva em Ceará-Mirim/RN.

Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3484904141013341>

Izabel Augusta Hazin Pires

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994), Especialista em Neuropsicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2002), Mestre (2000), Doutora (2006) em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco e Pós-Doutorada pela Université René Descartes - Paris V (2010). Atualmente é professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordena o Grupo de Pesquisa LAPEN (Laboratório de Pesquisa e Extensão em Neuropsicologia da UFRN) e o Programa Talento Metr pole do Instituto Metr pole Digital da UFRN. Atualmente é Vice Presidente da Sociedade Latino-Americana de Neuropsicologia (SLAN), Membro da Diretoria do XVIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia, Coordenadora do GT da Anpepp Neuropsicologia, Pesquisadora associada da Rede Nacional de Ciência para a Educa o e Bolsista de Produtividade do CNPq - Nível 2.

Endereço do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5496201609189471>



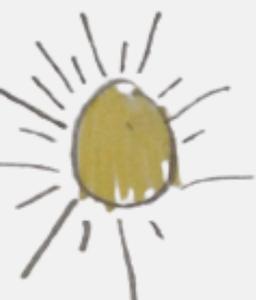
AGRADECIMENTOS

Gestão, professores, pais/responsáveis e alunos da:

- Escola Municipal Professora Vera Lúcia Soares Barros (Natal/RN);
- Escola Municipal Professora Josefa Botelho (Natal/RN);
- Escola Municipal Professora Ivonete Maciel (Natal/RN);
- Escola Municipal Ferdinando Pereira do Couto (Ceará-Mirim/RN);
- Escola Municipal Alcides Câmara de Souza (Ceará-Mirim/RN);
- Escola Municipal Professora Maria de Lourdes (Ceará-Mirim/RN).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	05
1.1 Motivações	06
1.2 Campo teórico	08
1.3 A pesquisa	10
1.4 Metodologia	11
1.5 Procedimentos e informações gerais do roteiro de entrevista	15
2 RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
2.1 Perfil das crianças participantes	17
2.1.1 Municípios e espacialização	21
2.1.2 Composição dos moradores da casa	24
2.1.3 Idade das crianças participantes	25
2.1.4 Autodeclaração de cor ou raça das crianças participantes	27
2.1.5 Gênero das crianças	29
2.1.6 Tipo de escola	30
2.2 Acesso à tecnologia	32
2.2.1 As crianças e a escola	35
2.2.2 Possibilidades do uso das tecnologias no ensino remoto	39
2.2.3 Desafios do uso das tecnologias no ensino remoto	44
2.2.4 Retorno para o presencial, pós pandemia	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE	53



Parte I

Caminhos da pesquisa

I INTRODUÇÃO

Este e-book, de caráter descritivo e analítico, compila as análises dos dados da pesquisa “Ensino e aprendizado remoto habilitados por tecnologias durante a COVID-19: sentidos e vivências de alunos e professores de áreas urbanas e rurais da grande Natal”, desenvolvida pela aluna do Programa de Pós-graduação em Inovação em Tecnologias Educacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, orientado pela professora Dra. Izabel Augusta Hazin Pires.

Esclarecemos que, considerando a premência do debate e a dimensão da urgência, neste e-book são apresentadas análises conclusivas, com o objetivo de tornar público os resultados do processo de escuta das crianças que foi desenvolvido nos meses de setembro e outubro de 2022. Esta é uma forma de dar ágil visibilidade às vozes das crianças e explicitarmos, ainda no contexto da pandemia, seus sentidos e vivências.

As informações geradas pela pesquisa foram tratadas e analisadas, e a partir deste e-book serão apresentadas com maior aprofundamento, focalizando diferentes aspectos, como o perfil das crianças e sua relação com as tecnologias.

O e-book está organizado em três partes: a Introdução, onde são situadas as motivações, explicitados os objetivos, os referenciais teóricos e é descrito o percurso metodológico do trabalho; os Resultados e Discussão, onde são apresentadas informações sobre o perfil das crianças participantes e os aspectos de suas relações com a família e com a escola durante a pandemia; e as Considerações Finais, onde são apontados os elementos que indicam a necessidade de uma compreensão ampla da realidade das infâncias, que articule os pontos de vista das crianças e suas experiências sociais às dimensões econômicas, sociais, raciais, territoriais e de gênero.

1.1 Motivações

A proposta desta pesquisa se justifica mediante ao momento vivenciado por todos em 2020 e 2021, diante da pandemia da COVID-19. No Brasil, a partir do mês de março de 2020 iniciaram-se ações governamentais para a prevenção da doença. Tais ações, em muitos casos desarticuladas, não seguiram um padrão em todo o território nacional. Por iniciativa própria, alguns estados e municípios decretaram o isolamento social como medida para reduzir o ritmo de avanço da doença. Foi o caso do Rio Grande do Norte, onde, em 17 de março de 2020 foram suspensas aulas nas redes de ensino estadual, municipal e privada, bem como atividades de diferentes setores da sociedade consideradas como não essenciais.

O conjunto das medidas de isolamento social gerou impactos sobre toda a sociedade e criou uma situação inédita que alterou os cotidianos das crianças e suas famílias. No entanto, tais medidas atingiram de forma mais forte as classes populares, especialmente pela perda de emprego e renda, mas também em decorrência das já precárias condições de vida em um educação no contexto de isolamento social.

Portanto, a focalização das consequências do isolamento social sobre as crianças possui grande relevância social na medida em que as populações infantis são o grupo de maior representação nos indicadores de desigualdade social. Mesmo antes da pandemia já nos chamavam a atenção dados como o aumento da mortalidade infantil não apenas pela fragilidade dos sistemas de saúde e saneamento básico, mas também pelas diversas violências que afetam a infância, sobretudo, as crianças mais pobres e de zonas rurais. Os dados sobre os direitos das crianças de março a dezembro de 2020 já revelaram outros indicadores preocupantes como, por exemplo, a diminuição da cobertura vacinal e o fato de crianças indígenas e negras serem as mais excluídas do direito à debate sobre as condições sociais da infância, diante de um quadro de emergência social que, como diferentes estudos demonstram (ALMEIDA, 2009), tende a atingir de forma mais forte as crianças, causando grande sofrimento e agravamento das condições de pobreza.



Desenho de uma criança da zona rural de Ceará-Mirim/RN, 9 anos

1.1 Motivações

No âmbito dos problemas sociais, urbanos em Natal/RN e rurais em Ceará-Mirim/RN, é ainda fundamental destacar que os dois municípios, capital e região metropolitana respectivamente, são desiguais, e essa fratura social, nas cidades, criam condições de vulnerabilidade ainda maiores para as crianças pobres. Assim, observando o contexto de emergência social e sanitária, as crianças foram orientadas a ficar em casa em uma condição de submissão e, quase sempre, tiveram desconsiderados os seus pontos de vista. Essa ausência de participação das crianças está relacionada a uma dada concepção de infância que não considera a alteridade e os direitos das crianças.

Em contraponto a essa incivilidade, a pesquisa realizada se sustenta em uma ideia de que as crianças não são seres em transição ou em preparação, mas que elas são seres completos que desempenham, nas suas condições de desenvolvimento, ações singulares de uma agência social que precisam ser compreendidas e interpretadas. Na presente pesquisa buscamos fazer essa interpretação, não só a partir de nosso ponto de vista adulto, mas também a partir delas próprias, das suas vivências e sentidos.

Nesse sentido, fundamentamos a presente pesquisa no reconhecimento dos direitos das crianças e buscou viabilizar o direito a serem ouvidas, ou seja, o direito à participação, considerando que elas ficaram ausentes no debate sobre o isolamento social. Instigadas e afetadas pelo diálogo estabelecido com as crianças, evidenciaremos neste e-book as relações entre as formas pelas quais elas sentiram e vivenciaram a pandemia e as condições concretas da vida infantil.



Desenho de uma criança da zona rural de Ceará-Mirim/RN, 12 anos



Desenho de uma criança da zona rural de Ceará-Mirim/RN, 12 anos



Desenho de uma criança da zona rural de Ceará-Mirim/RN, 10 anos

1.2 Campo teórico

A partir das motivações apresentadas destacamos que o campo teórico desta pesquisa tem como base os “estudos sociais da infância” (GAITÁN, 2012; CHRISTENSEN; JAMES, 2005; SARMENTO; GOUVEIA, 2008; LIEBEL, 2019), que, em síntese, compreendem que as crianças precisam ser ouvidas como atores sociais e não apenas objetos de prática dos adultos.

A apreensão do ponto de vista das crianças se fundamenta no reconhecimento da alteridade das crianças, de sua consideração como sujeitos de direitos que participam da vida social em diferentes planos. Compreender as crianças no enfoque da dignidade humana se apresenta ainda mais necessário em contextos de desastres e tragédias. Vale lembrar que a Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) reconhecem a criança em sua peculiaridade, em sua dignidade e como detentora de prioridade e do direito a proteção integral e plural.



Desenho de uma criança da zona rural de Ceará-Mirim/RN, 8 anos

1.2 Campo teórico

Consideramos que crianças são capazes de exprimirem seus pontos de vista de maneira genuína e original e apreendem a realidade de forma singular e relevante. Assim, a investigação se deu a partir de duas perspectivas correlacionadas: a análise interpretativa, que tem como foco os sentidos e as vivências das crianças, com a análise estrutural, sustentada por dados que revelam as condições sociais da infância, marcadas pelas questões econômicas, sociais, raciais, territoriais e de gênero.

As interpretações aqui propostas operam, portanto, em uma perspectiva qualitativa (MINAYO, 2014), centradas nas interpretações das crianças, mas também no contraste entre as frequências de dados sobre as infâncias de dois municípios do Rio Grande do Norte - Natal e Ceará-Mirim, com zonas distintas - urbana e rural.

Por fim, ao dar visibilidade aos sentidos e vivências das infâncias, destacamos que a análise também envolve uma dimensão poética, exemplificada pelo uso da linguagem do desenho, produzidos pelas crianças.



Desenho de uma criança
da zona urbana de
Natal/RN, 10 anos

1.3 A pesquisa

Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 8 anos

A pesquisa “Ensino e aprendizado remoto habilitados por tecnologias durante a COVID-19: sentidos e vivências de alunos e professores de áreas urbanas e rurais”, buscou caracterizar as formas pelas quais as crianças vivenciaram a pandemia da COVID-19 por meio da análise dos sentidos e vivências despertados em crianças de 4º e 5º anos, com idades entre 9 e 12 anos, que tiveram suas rotinas alteradas nesse contexto.



O objetivo geral foi o de analisar os sentidos e vivências dos alunos e professores, oriundos de diferentes realidades, sendo estas urbanas e rurais, sobre o papel das tecnologias no enfrentamento à pandemia da COVID-19. A pesquisa tinha como objetivos específicos: i) Caracterizar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores em tempos de pandemia da COVID-19; ii) Identificar as possíveis dificuldades e possibilidades do uso das tecnologias durante a pandemia e iii) Elaborar e-book com as produções dos alunos de zonas urbanas e rurais a partir de suas experiências.



Desenho de uma criança da zona rural de Ceará-Mirim/RN, 10 anos

Pretendemos, assim, apreender as condições de vida de crianças, especialmente daquelas que se encontram em condições de maior vulnerabilidade social, para as quais a suspensão da frequência às escolas significou queda na qualidade de vida, o que incluiu a dimensão cultural, a alimentação e a segurança física e emocional.

Desenho de uma criança da zona rural de Ceará-Mirim/RN, 8 anos



10

1.4 Metodologia



Como a pesquisa teve foco nos sentidos e nas vivências de crianças na situação emergencial de pandemia da COVID- 19, procuramos encontrar soluções novas para a construção dos dados. O objeto se constitui de aspectos qualitativos da realidade, ou seja, a compreensão dos sentidos e das vivências de crianças de 9 a 12 anos que se encontraram em situação de isolamento social de março de 2020 até o final de 2021. Assim, mobilizamos recursos para acessar e ouvir esses sujeitos presencialmente, entre os meses de setembro e outubro de 2022.

Embora os sujeitos principais sejam as crianças para este e-book, compreendemos que a sua consideração como atores capazes não elimina a necessidade de autorização e da mediação dos responsáveis. Assim, os responsáveis pelas crianças que participaram da pesquisa também se constituíram em sujeitos participantes da investigação.

Os adultos foram abordados considerando dois aspectos: o de sua responsabilidade legal pelas crianças; e o de possíveis “apoiadores” das crianças na interpretação das questões do roteiro de entrevista que foi respondido presencialmente na escola de cada criança.

Adicionalmente, foi utilizada com os alunos a técnica do Desenho-Estória com tema - DE. Essa técnica possibilitou a exploração mais ampla das vivências e sentidos produzidos durante o período pandêmico. Segundo Trinca (2020), os desenhos livres associados a histórias constituem instrumento para obtenção de informações sobre a personalidade que não são facilmente detectáveis pela entrevista psicológica. As crianças foram convidadas a produzir desenhos e histórias para as seguintes temáticas: “Eu, a minha escola e a pandemia da COVID-19”, “A tecnologia e a pandemia: descrevendo uma coisa boa” e “A tecnologia e a pandemia: descrevendo uma coisa ruim”.

1.4 Metodologia

A definição da faixa etária (entre 9 e 12 anos) se justifica pelo objetivo de ouvir crianças que, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) são os sujeitos de até 12 anos. O limite inferior considerou as possibilidades de responder a um instrumento que exige leitura e escrita, ainda que em alguns casos foi necessária a ajuda da pesquisadora como adulto. Também, pelo fato de as crianças estarem matriculadas nas turmas de 4º e 5º ano e ter vivenciado o momento na pandemia em 2020 e 2021.

Foram utilizadas ferramentas de comunicação a distância, especialmente telefone celular e WhatsApp, para o contato inicial com as seis escolas escolhidas para a realização da pesquisa.



Desenho de uma criança da zona rural de Ceará-Mirim/RN, 10 anos

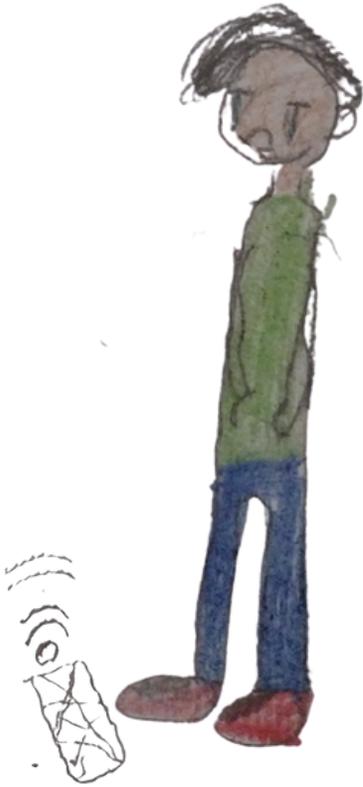
Posteriormente, em contato presencial, com os professores das turmas selecionadas (uma turma de 4º e uma turma de 5º de cada escola), para que nos auxiliassem no contato com famílias dos alunos selecionadas (seis alunos de cada turma).

O critério para a escolha das escolas foi pautado pelos ambientes escolares, ou seja, aquelas que proporcionaram maior diferenciação em termos dos contextos urbanos e rurais. Desta forma, em Natal/RN foram escolhidos bairros em zonas administrativas distintas e, em Ceará-Mirim/RN, distritos em comunidades rurais distintas.

1.4 Metodologia

A partir desses critérios foram selecionadas três escolas de Natal/RN e três escolas de Ceará-Mirim, totalizando 72 alunos. Com relação à amostragem foram escolhidos seis alunos de cada turma (4º e 5º anos) por escola. Vale ressaltar que o critério para o número amostral levou em consideração o critério não-probabilístico, pela amostragem por julgamento, onde a escolha dos respondentes foi feita a partir do julgamento da pesquisadora, levando em consideração características definidas previamente para a amostra, como ter mantido o vínculo com a escola, através da matrícula, nos anos de 2020 e 2021, anos de pandemia, independentemente de ter participado ou não das aulas remotas.

O contato foi feito primeiramente com o responsável, onde os mesmos assinaram o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), previamente em encontro presencial em cada escola. Vale ressaltar que as crianças também assinaram o TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), no dia da aplicação da pesquisa. A parte inicial do TCLE continha as informações sobre a pesquisa, seu vínculo institucional, objetivos e forma de participação das crianças. O TCLE foi elaborado com linguagem adequada ao entendimento dos responsáveis, com atenção aos princípios éticos do respeito e cuidado para que a comunicação fosse efetivamente uma possibilidade de expressão dos seus pontos de vista, procurando minimizar possíveis riscos do processo de comunicação e de abordagem de temas que pudessem ser delicados.



Desenho de uma criança da zona rural de Ceará-Mirim/RN, 9 anos

1.4 Metodologia



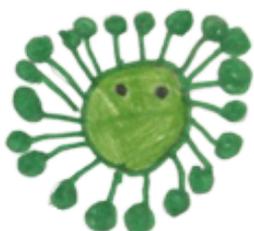
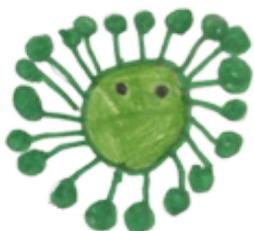
Foi garantida a privacidade, anonimato e confidencialidade a todos os participantes da pesquisa. As crianças também foram devidamente esclarecidas sobre a pesquisa sendo solicitada explicitamente sua concordância, mediante assinatura do TALE. Igualmente importante é o fato de que as crianças participaram de maneira voluntária e estava explícita a possibilidade de garantir que pudessem desistir em qualquer momento da pesquisa.

A partir da análise das respostas aos itens do roteiro, constatamos que a maioria das crianças que responderam se encontram nas camadas médias e populares. Considerando o ineditismo da realidade de isolamento social em decorrência da pandemia, a pesquisa assumiu um caráter exploratório, incluindo questões fechadas, porém com a possibilidade do diálogo, para favorecer a apreensão de aspectos significativos para os sujeitos.

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, o roteiro de entrevista (Apêndice C) incluiu 18 perguntas, organizado em 2 blocos (dados gerais e dados específicos sobre as tecnologias digitais). Ao final da entrevista cada criança fez um desenho sobre os sentidos e vivências no período de afastamento social. Esta iniciativa buscou possibilitar às crianças nos comunicarem por outra linguagem o que sentiram e vivenciaram.

A inclusão de outras formas de comunicação se alinha ao que é identificado pela literatura dedicada à pesquisa com crianças, que nos alerta para a necessidade de favorecer a expressão por meio de linguagens mais familiares às crianças (MÜLLER; CARVALHO, 2009; MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010; CRUZ, 2008).

1.5 Procedimentos e informações gerais do roteiro de entrevista



O questionário foi aplicado entre os meses de setembro e outubro de 2022. Dentre os 72 alunos previamente sugerido para a pesquisa, 57 crianças participaram da pesquisa. Um número que consideramos alto e que foi interpretado como indicativo tanto da disponibilidade das crianças quanto de seu desejo de serem ouvidas sobre a temática da pandemia e as repercussões desta situação em suas vidas.

As 09 crianças que não participaram nos dias marcados para a realização da entrevista ou estavam doentes ou viajando, e uma turma (seis alunos), a professora encerrou o contrato temporário. Por não contarmos com recursos e com equipe de mais pesquisadores, não marcamos nas escolas outros encontros, para as crianças faltosas.

Consideramos importante agradecer às crianças e às famílias e a todas as diversas pessoas e escolas que nos ajudaram nessa pesquisa e assinalar que o fato de termos realizado a pesquisa em dois municípios já foi por nós considerada uma ação de intervenção por pautar, na cena social, a relevância de que as crianças fossem vistas e ouvidas no contexto de pandemia.



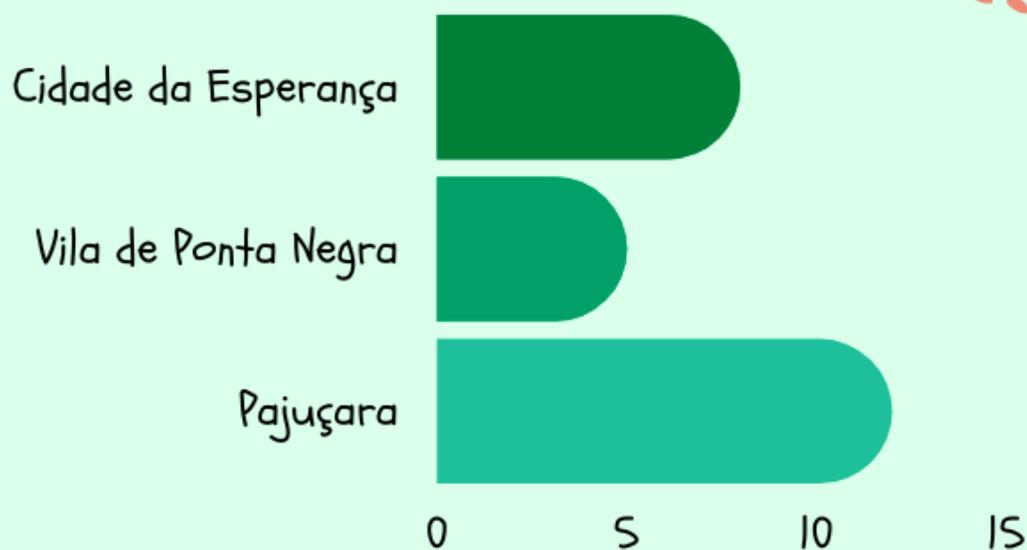


PARTE 2

Resultados e discussão

2.1 Perfil das crianças participantes

Os dados abaixo apresentam a distribuição das crianças participantes nos municípios de Natal/RN por zona administrativas e Ceará-Mirim/RN por distritos.



DADO 1

Do total de 25 crianças participantes da zona urbana, 32% foram da E.M. Profa. Ivonete Maciel localizada no bairro de Cidade da Esperança, zona leste de Natal/RN, 20% na E.M. Profa. Josefa Botelho localizada no bairro da Vila de Ponta Negra, zona sul de Natal/RN e 48% na E.M. Profa. Vera Lúcia Soares de Barros localizada no bairro de Pajuçara, zona norte de Natal/RN.

2.1 Perfil das crianças participantes

DADO 2

Do total de 32 participantes da zona rural, 34% foram da E.M. Profa. Maria de Lourdes de Oliveira localizada no distrito de Gravatá, em Ceará-Mirim/RN, 32% na E.M. Alcides de Câmara de Souza localizada no distrito de Capela, em Ceará-Mirim/RN e 34% na E.M. Ferdinando Pereira do Couto, localizada no distrito de Terra da Santa, em Ceará-Mirim/RN.

15

10

5

0



Gravatá

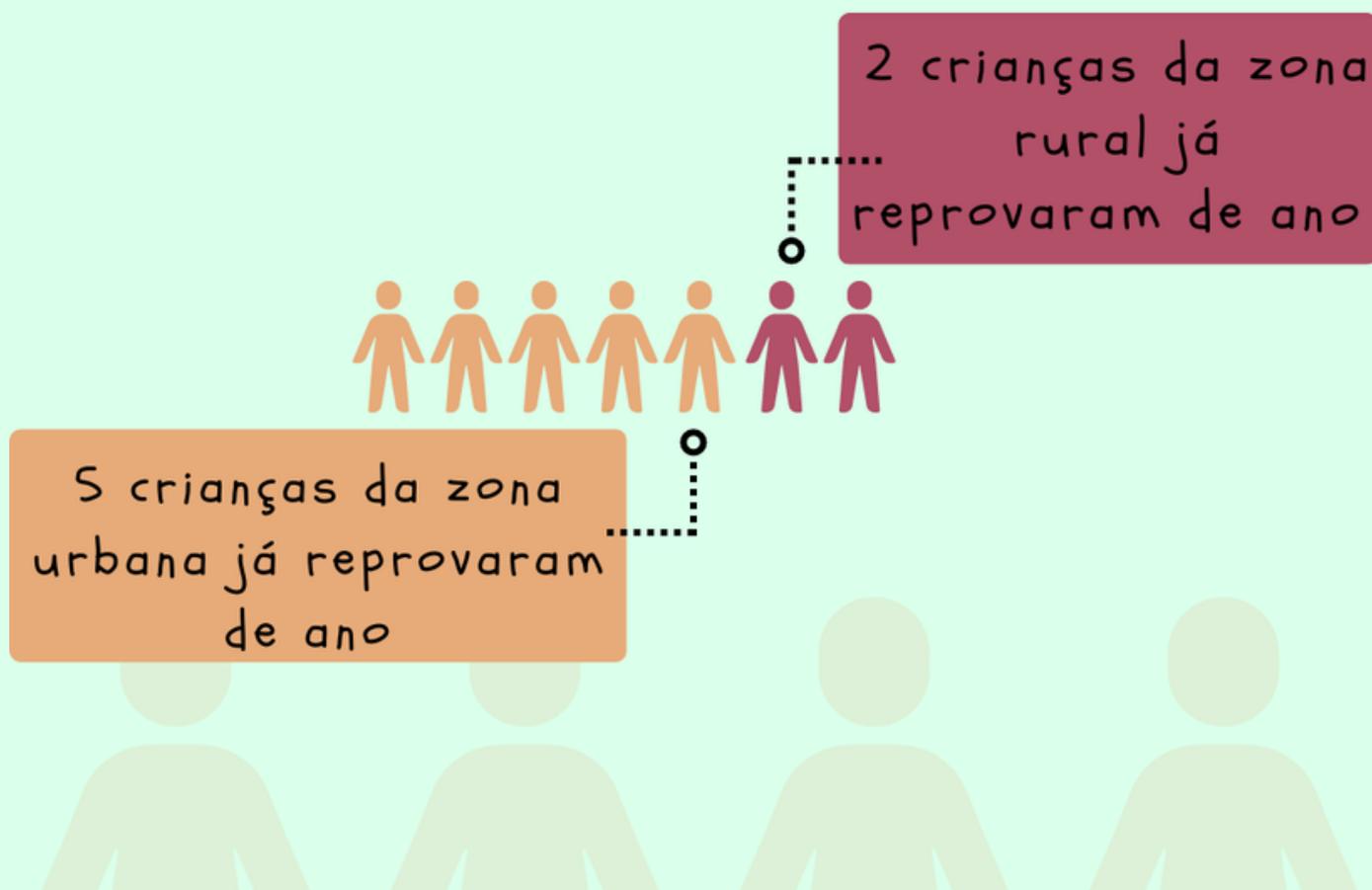
Capela

Terra da Santa

Considerando a situação atípica gerada pela pandemia e o limitado acesso à internet, destacamos o fato da motivação em ter respostas de crianças de duas zonas distintas, rural e urbana, de um mesmo estado, Rio Grande do Norte/RN.

2.1 Perfil das crianças participantes: reprovação na escola

O infográfico abaixo ilustra o quantitativo mde crianças que já reprovaram de ano. Da zona rural apenas 2 crianças, uma no 3º ano e uma no 5º ano do Ensino Fundamental I, e da zona urbana 5 crianças, variando do 3º ao 5º ano, do Ensino Fundamental I.



2.1 Perfil das crianças participantes: reforço escolar



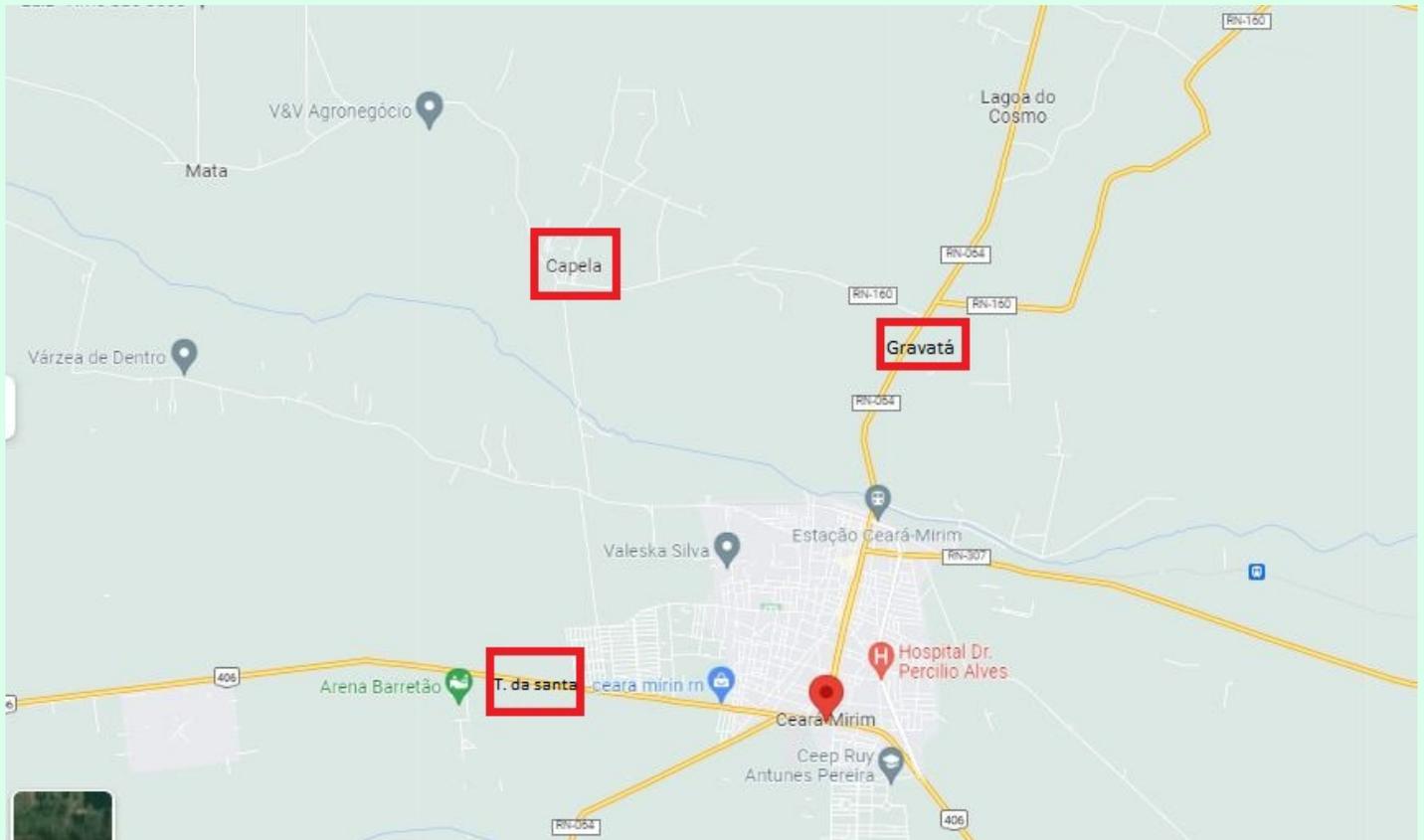
Conforme infográfico acima, 34% das crianças entrevistadas da zona rural fazem aula de reforço, variando entre 1 e 5 vezes na semana. Na zona urbana, 20% das crianças entrevistadas fazem aula de reforço, variando entre 2 e 5 vezes na semana.

2.1.1 Municípios e espacialização



Mapa das regiões administrativas de Natal/RN.

2.1.1 Municípios e espacialização



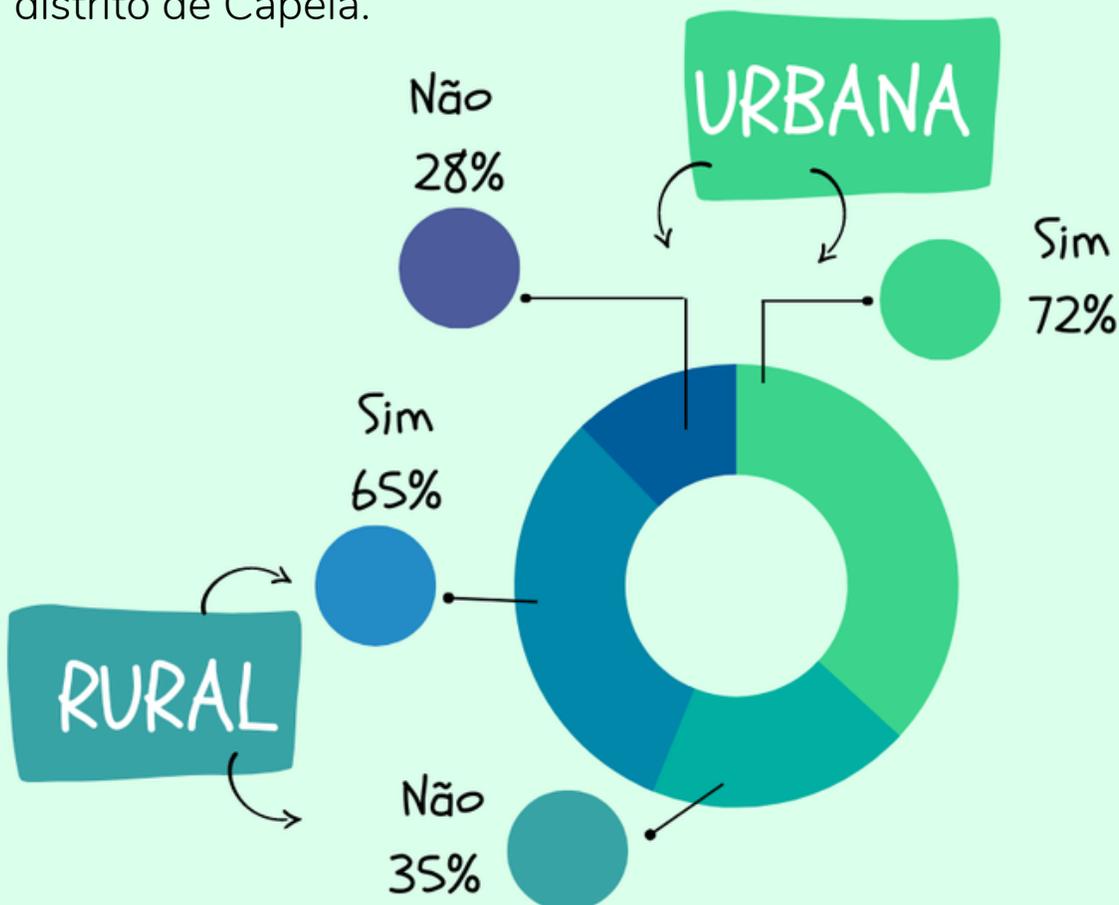
Mapa dos distritos de Ceará-Mirim/RN.

Os mapas apresentam a distribuição das crianças participantes na pesquisa. Pode-se observar a concentração de respostas em três distritos de Ceará-Mirim/RN - Gravatá, Capela e Terra da Santa, além de três regiões administrativas de Natal/RN - Pajuçara, na zona norte, Cidade da Esperança, na zona leste e Vila de Ponta Negra, na zona sul.

2.1.1 Municípios e espacialização: residência das crianças

O gráfico abaixo demonstra se as crianças entrevistadas residem ou não perto das escolas. As crianças da zona urbana que responderam que não residem perto das escolas em Natal/RN, ou seja, 28%, residem em outros bairros da mesma região administrativa. Apenas uma criança que estuda na zona norte de Natal/RN e reside em outro município - Extremoz/RN.

As crianças que responderam que não residem perto das escolas em Ceará-Mirim, ou seja, 35%, residem em distritos vizinhos do mesmo município. Vale destacar que as crianças de Capela que residem distante da escola são pertencentes ao Quilombo do distrito de Capela.

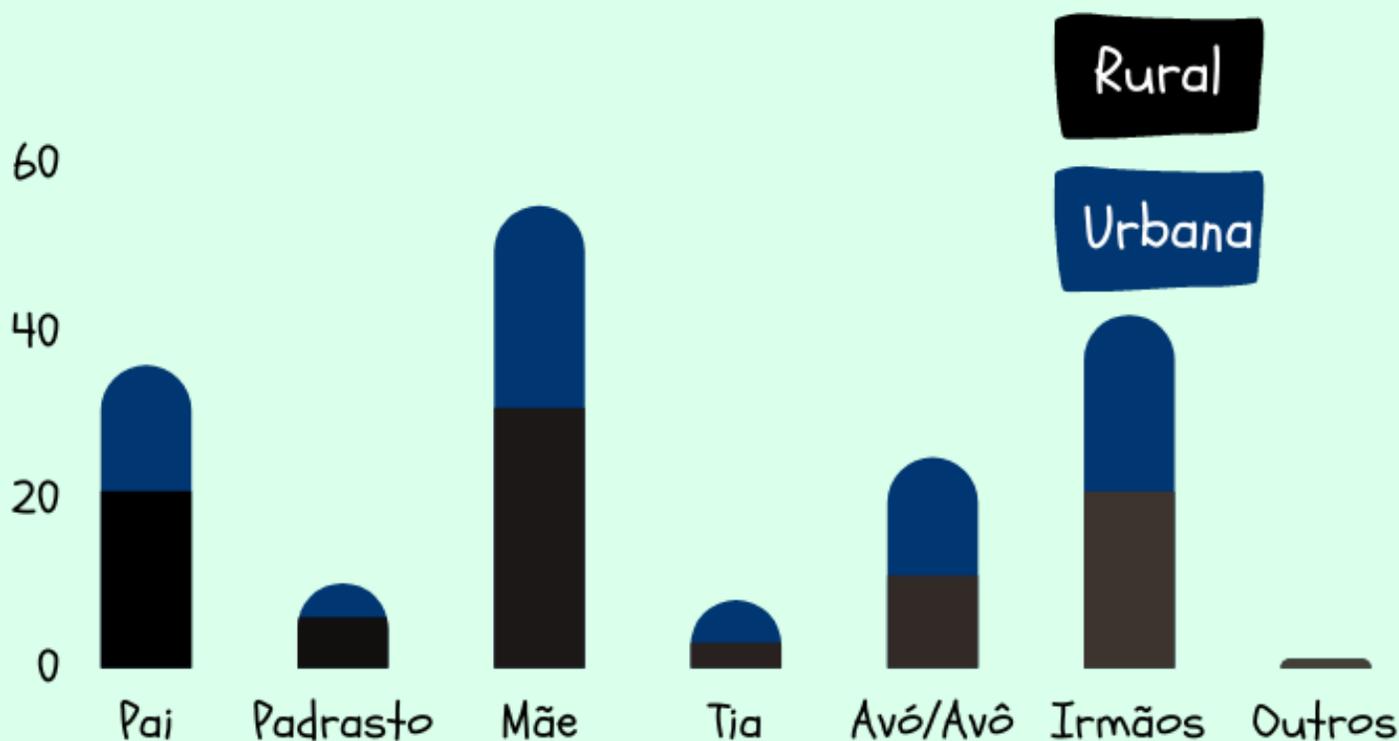


2.1.2 Composição dos moradores da casa



DADO 1

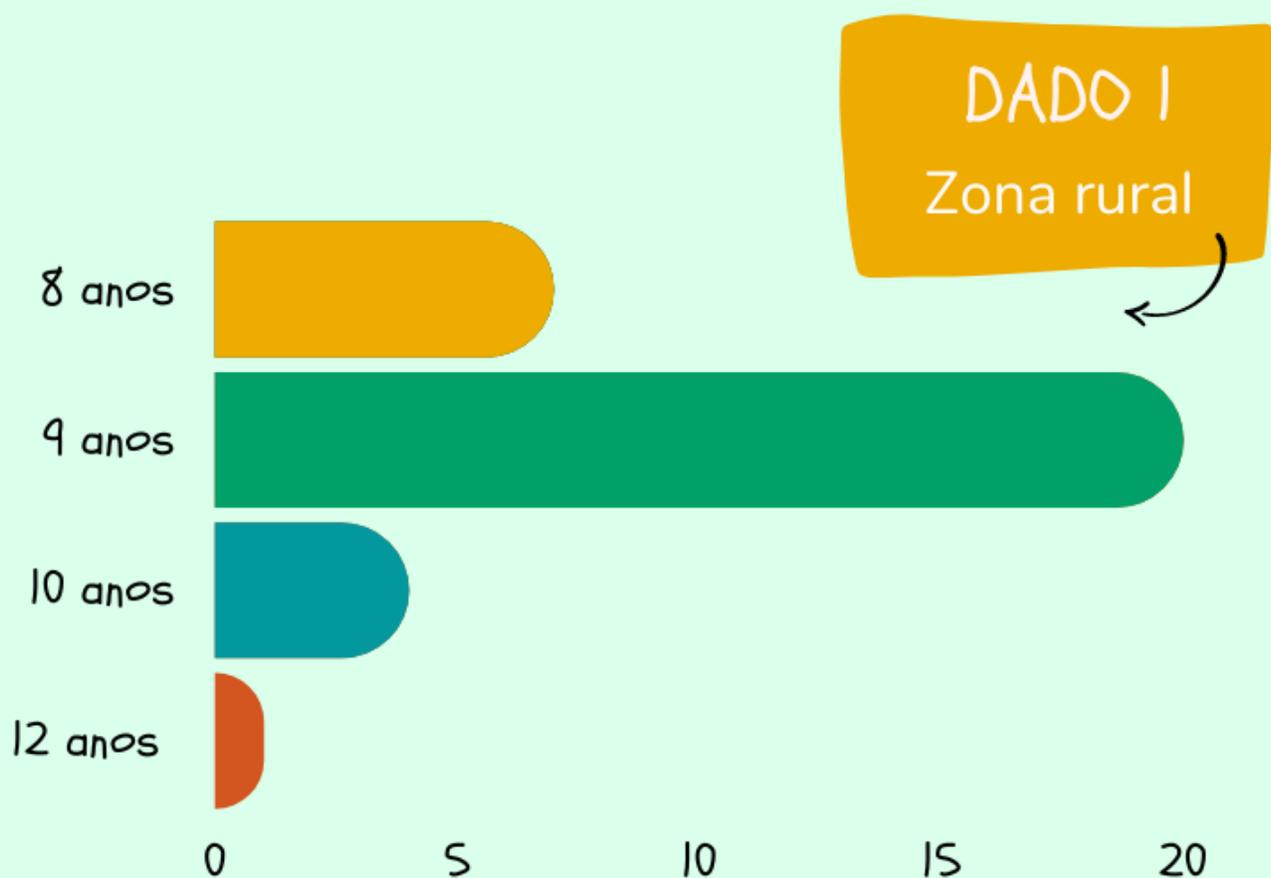
Das crianças participantes da pesquisa, 26% não compartilham a casa com outra criança e 74% compartilham a casa com mais crianças (irmãos até 12 anos de idade). Com relação à presença de adultos na moradia, 97% das crianças compartilham a moradia com a mãe e 63% com o pai. Apenas 1% das crianças, sendo da zona rural, residem com outro familiar, uma prima.



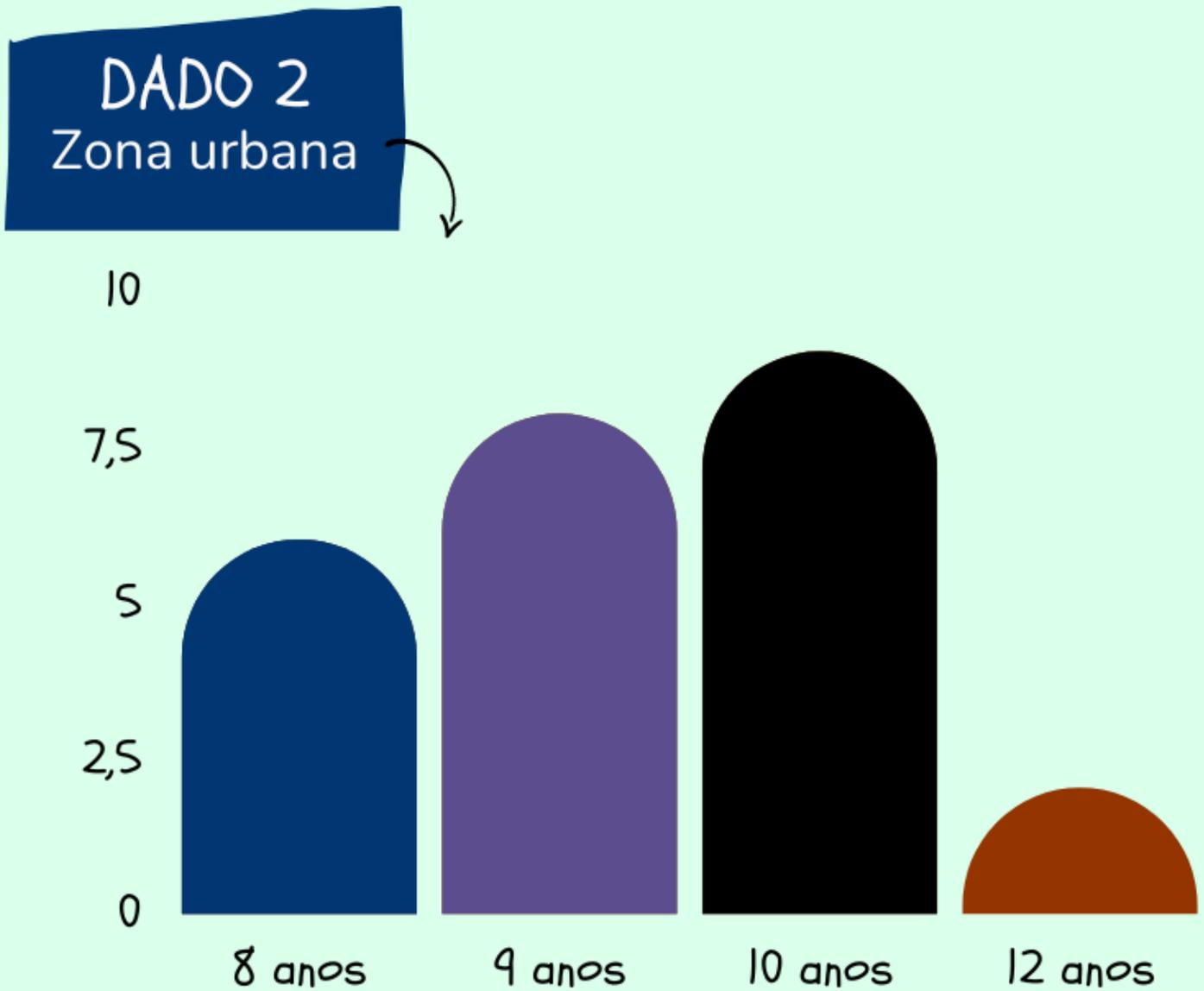
2.1.3 Idade das crianças participantes



Com relação às idades das crianças respondentes, observa-se que as idades das crianças respondentes variam entre 9 e 12 anos.



2.1.3 Idade das crianças participantes

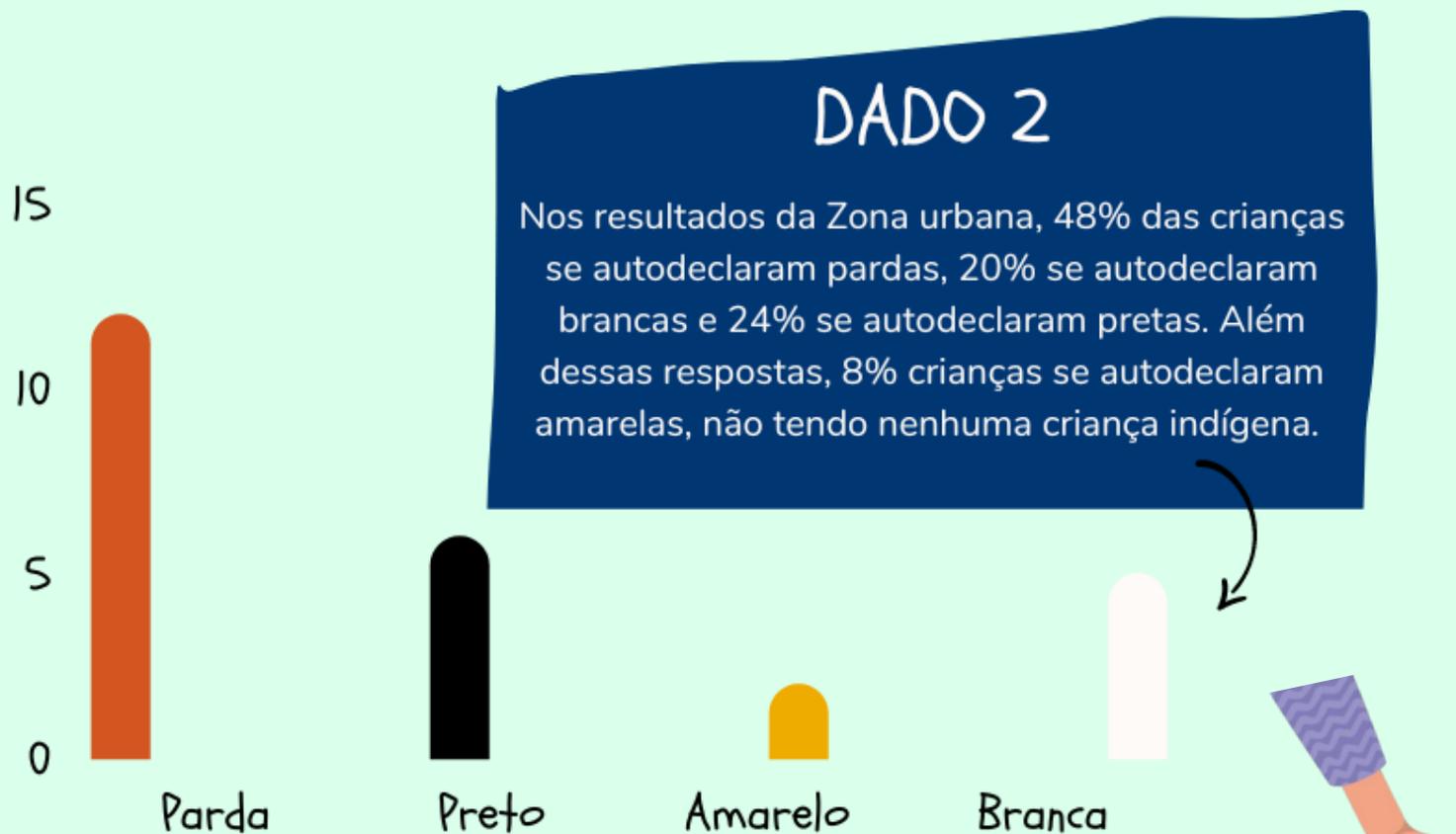


2.1.4 Autodeclaração de raça ou cor das crianças participantes

Os dados apresentam a autodeclaração de raça ou cor das crianças. Na pergunta do roteiro relativa a essa resposta, optamos por usar as mesmas categorias do IBGE. Essa decisão está sustentada pela literatura (ROCHA e ROSEMBERG, 2007), que apontava que as crianças são capazes de operar com essas categorias, permitindo a realização de futuras correlações das informações da pesquisa com outros estudos quantitativos que procuram analisar as condições de vida das crianças conforme o pertencimento racial.



2.1.4 Autodeclaração de raça ou cor das crianças participantes

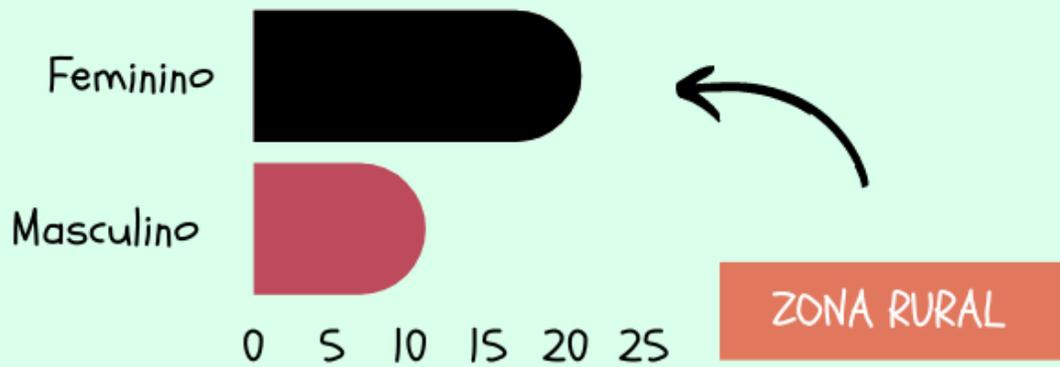


Nessa questão novamente foi possível ver uma correlação entre a distribuição das respostas com as informações do censo escolar de 2021 acerca do perfil das crianças da Educação Básica de Natal/RN, que constatou que 32% dos estudantes matriculados se autodeclararam pardos, 20% brancos, 2% pretos, 0,4% amarelos, 0,6% indígenas e 45% não declararam e de Ceará-Mirim/RN, 34% dos estudantes matriculados se autodeclararam pardos, 8,6% brancos, 3,2% pretos, 0,3% amarelos, 0,2% indígenas e 53,7% não declararam.

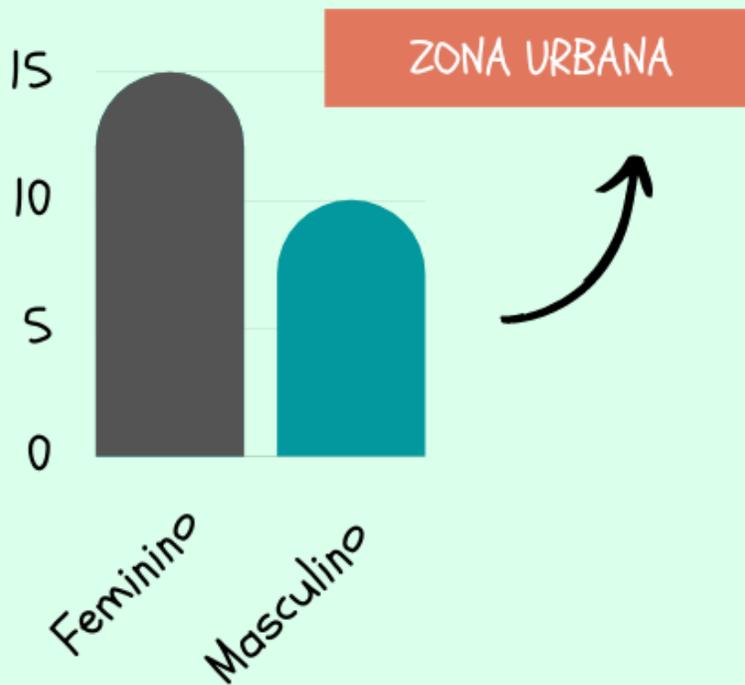
2.1.5 Gênero das crianças

Em relação ao gênero das crianças, o gráfico permite visualizar uma participação um pouco maior do sexo feminino, correspondendo a 63%; enquanto o sexo masculino representam 37% das crianças participantes da pesquisa.

DADO 1



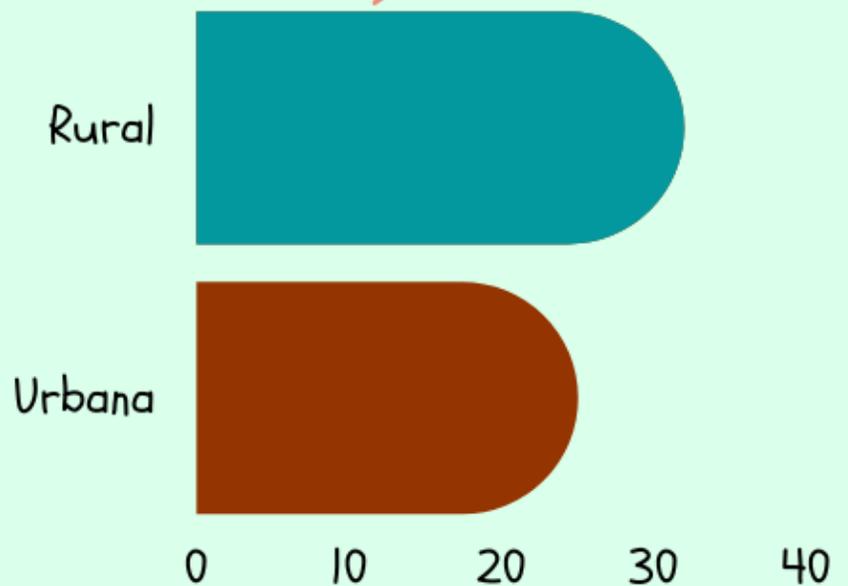
DADO 2



2.1.6 Tipo das escolas

DADO 1

Em relação ao tipo de escola verificamos, neste gráfico, que um total de 44% das crianças frequentam escolas públicas urbanas e 56% das crianças frequentam escolas públicas rurais. Esse dado evidencia que a maior parte das crianças participantes da pesquisa estudam em escolas públicas rurais.



2.1.6 Tipo das escolas

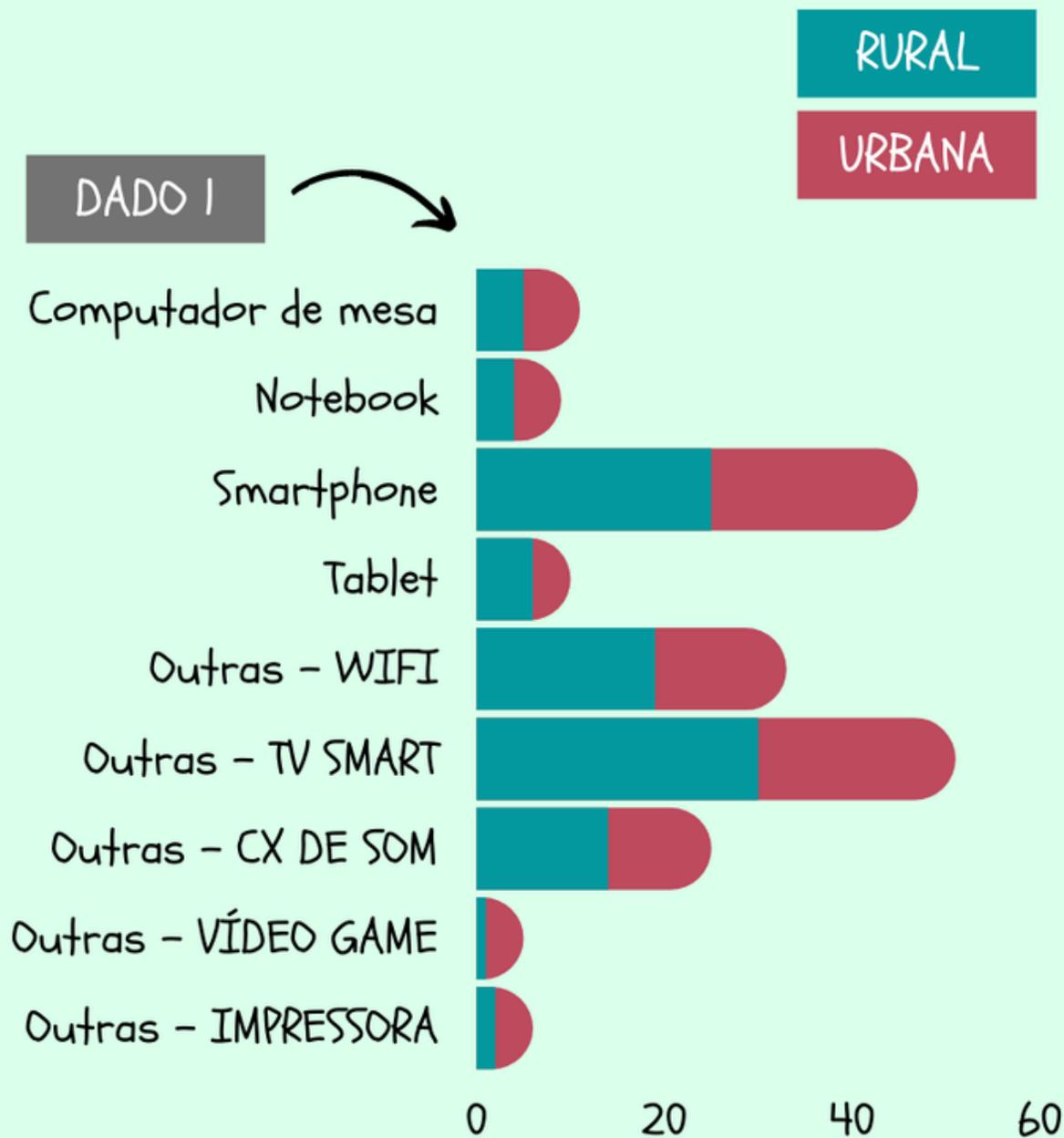
No processo de tratamento e análise dos dados, evidenciamos a relevância de relacionar as respostas das crianças aos seus mundos sociais. Como não foi possível termos critérios prévios de constituição de amostra estratificada, a distinção entre o tipo de escola (zona) foi o caminho inicial para a diferenciação em relação ao pertencimento social.

Entendemos, no entanto, que a diferenciação apenas pelo tipo de escola, pública rural e pública urbana, seria insuficiente para o entendimento das condições de vida das crianças, por diferentes razões, dentre as quais certas heterogeneidades do público das zonas rurais.

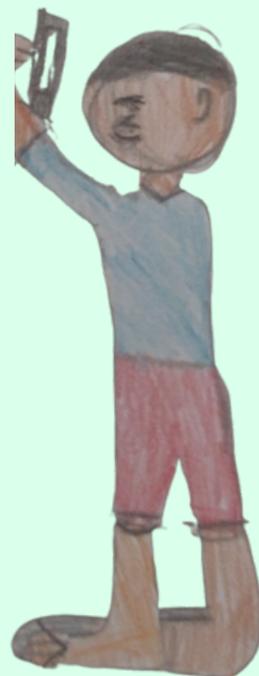


Desenho de uma criança
da zona urbana de
Natal/RN, 12 anos

2.2 Acesso à tecnologia



Nesse gráfico apresentamos de modo condensado as informações referentes ao acesso das crianças as tecnologias fazendo uma correlação destas informações com o tipo de escola - rural e urbana. O Smartphone, seguido da TV Smart e do Wifi foram as principais respostas, totalizando 74% das respostas das crianças da zona rural e 76% das respostas das crianças da zona urbana.



Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 9 anos

2.2 Acesso à tecnologia

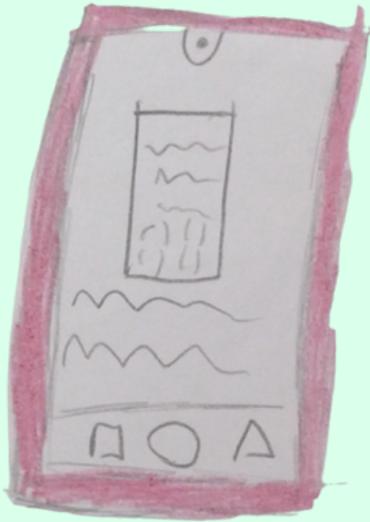
Com relação ao Vídeo Game e Impressora, as crianças da zona urbana acessam com mais frequência que as da zona rural. Esses dados nos ajudam a compreender os diferentes contextos de vida das crianças participantes da pesquisa. No entanto, é importante chamar atenção também para o fato de que podem existir diferenças maiores considerando que a pesquisa chegou somente em algumas escolas da zona rural de Ceará-Mirim/RN.

Além disso, evidenciamos a diferença na qualidade desse acesso, pois o gráfico também permite inferir que parte das crianças que responderam podem ter acesso de maneira pontual ou com dificuldades relacionadas à disponibilidade dos equipamentos e/ou de dados para internet.



Desenho de uma criança da zona rural de Ceará-Mirim/RN, 10 anos

2.2 Acesso à tecnologia



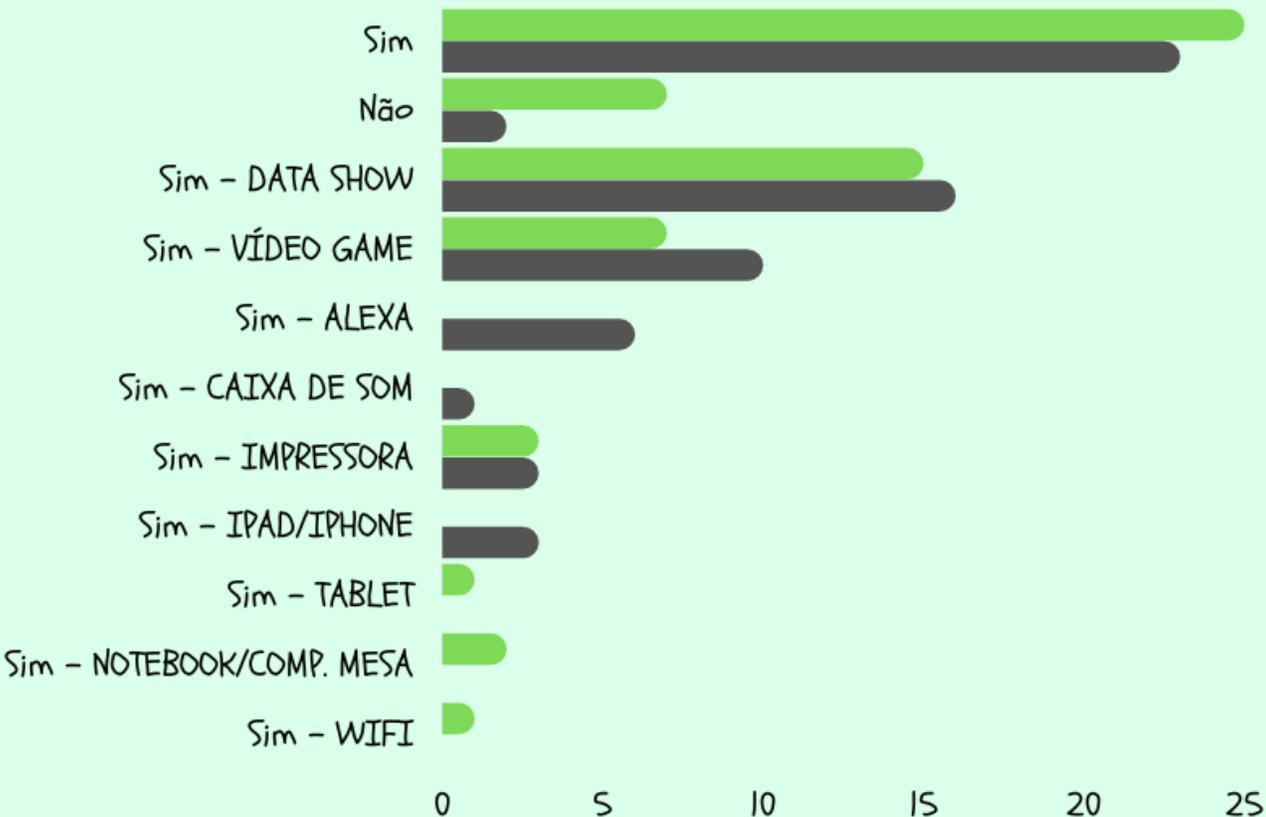
Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 10 anos

Além das tecnologias citadas do gráfico anterior, as crianças citaram algumas outras tecnologias que conhecem. Para as crianças da zona rural a porcentagem foi de 78% e para as crianças da zona urbana foi de 88%. Isso demonstra que na zona urbana existe mais facilidade para acesso as diversas tecnologias, como a Alexa e o Ipad/Iphone, por exemplo, citados apenas pelas crianças da zona urbana.

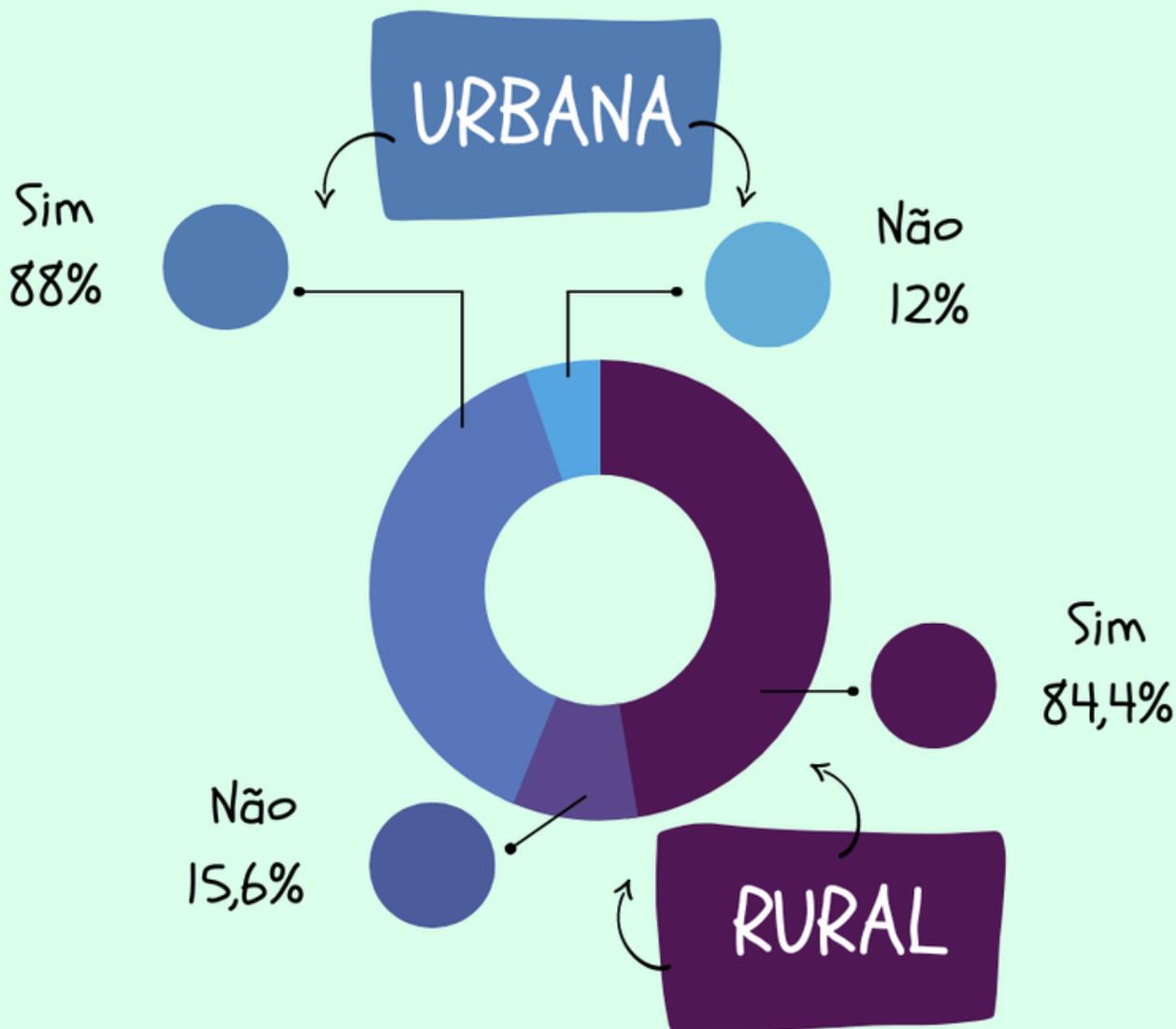
RURAL

URBANA

DADO 1



2.2.1 As crianças e a escola



O gráfico acima demonstra a porcentagem de crianças que participaram das aulas durante a pandemia. Das 25 crianças entrevistadas da zona urbana, 88% participaram das aulas e apenas 12% não participaram; na zona rural, 84,4% das crianças entrevistadas participaram das aulas durante a pandemia e 15,6% não participaram.

2.2.1 As crianças e a escola



O infográfico acima demonstra o formato das aulas na zona urbana. Para 88% das crianças entrevistadas as aulas aconteceram no formato remoto, e 12% das crianças, conforme o gráfico anterior não participaram das aulas na pandemia.

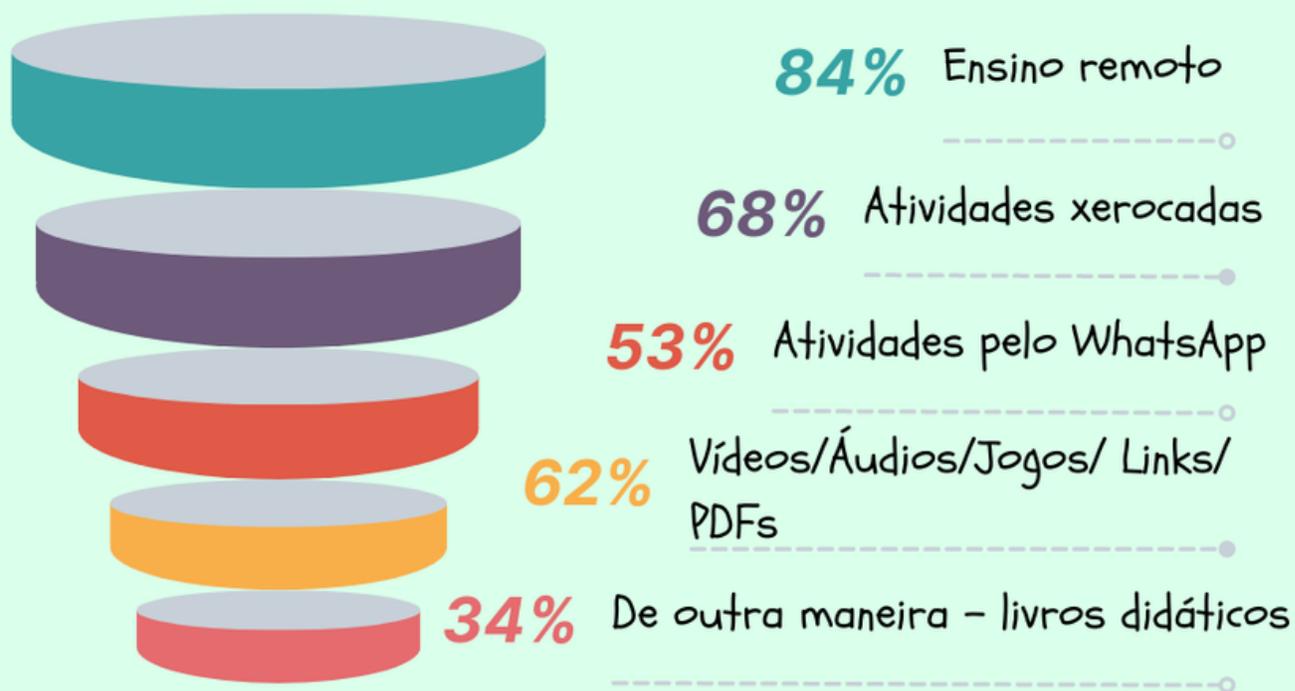


Durante o período remoto os professores utilizaram diversas metodologias e as principais citadas pelas crianças foram as que se utilizavam de tecnologias, como o uso do WhatsApp, vídeos, áudio, jogos, links e pdfs, seguidas do uso dos livros didáticos e atividades xerocadas.

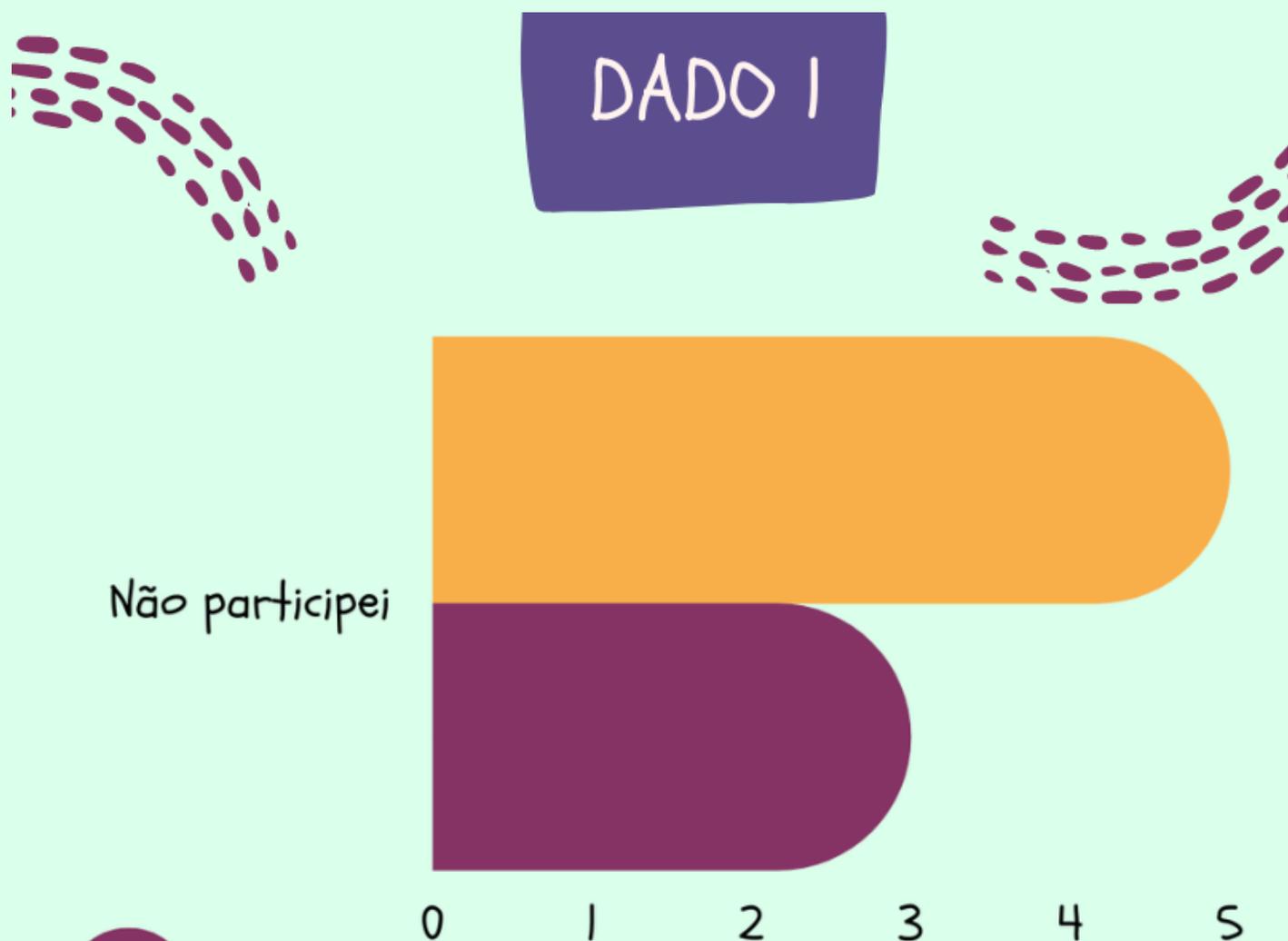
2.2.1 As crianças e a escola

O infográfico abaixo demonstra o formato das aulas na zona rural. Para 84% das crianças entrevistadas as aulas aconteceram no formato remoto, e aproximadamente 16% das crianças não participaram das aulas na pandemia.

Com relação as diversas metodologias que os professores fizeram uso durante a pandemia, a principal foi a atividade xerocada, seguido das atividades pelo WhatsApp, mas que para as crianças entrevistadas da zona rural, foi utilizado mais para avisos do calendário de busca das atividades na escola e dúvidas com os professores.



2.2.1 As crianças e a escola



Urbana



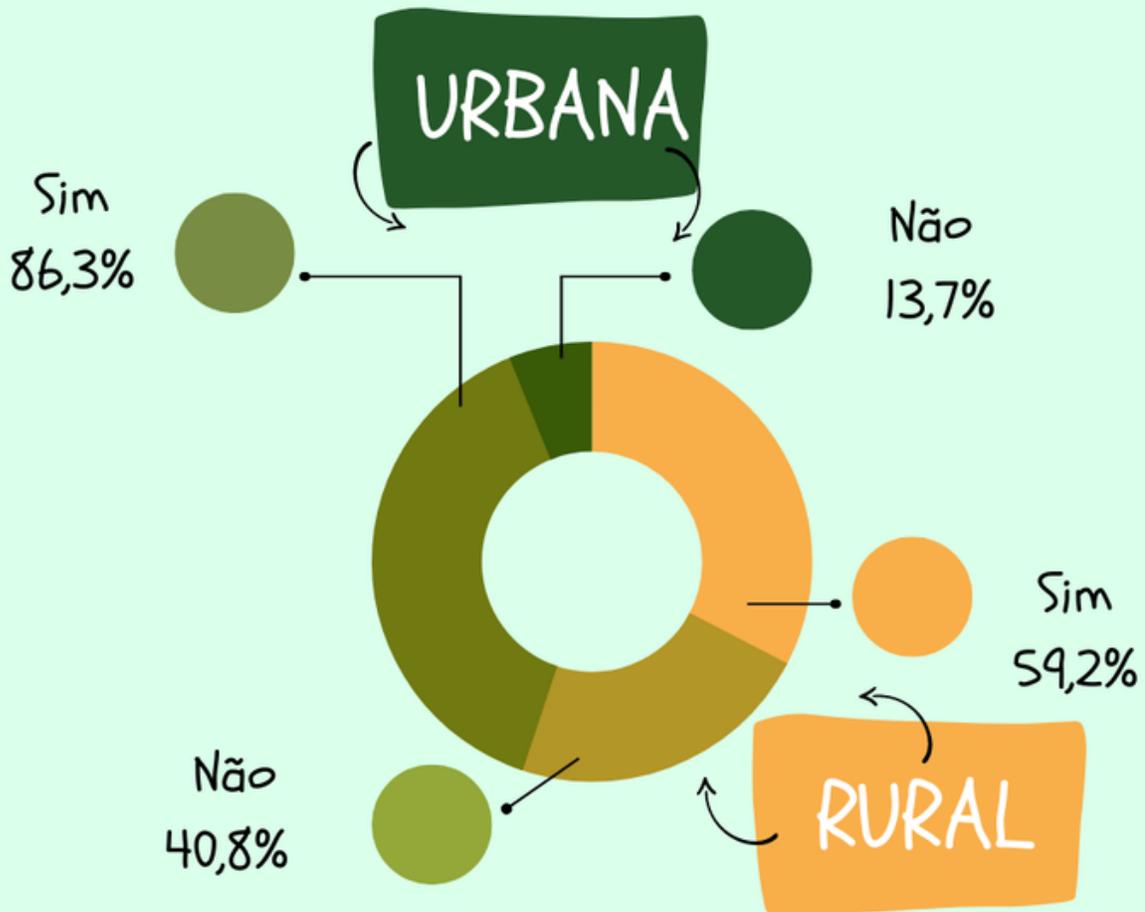
Rural

Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 8 anos



Neste gráfico observamos que das 25 crianças entrevistadas na zona urbana, apenas 03 não participaram das aulas durante a pandemia; e das 32 crianças entrevistadas na zona rural, 05 não participaram das aulas durante a pandemia.

2.2.2 Possibilidades do uso das tecnologias no ensino remoto



Neste gráfico, excluídas as crianças que não participaram das aulas durante a pandemia, para 59,2% das crianças entrevistadas da zona rural, houve possibilidades das tecnologias durante o ensino remoto, mas para 40,8% não houve possibilidades, um número alto. Para 86,3% das crianças entrevistadas da zona urbana houve possibilidades das tecnologias durante o ensino remoto e apenas 13,7% relataram que não existiu possibilidades.

2.2.2 Possibilidades do uso das tecnologias no ensino remoto

O gráfico acima demonstra que mesmo diante do contexto da pandemia, onde as tecnologias passaram a ser um recurso de extrema importância para não interromper o aprendizado das crianças, a zona rural por ser mais precária nesses recursos, não conseguiu enxergar tantas possibilidades de uso durante as aulas remotas, uma vez que as metodologias alternativas utilizadas foram as atividades xerocadas.

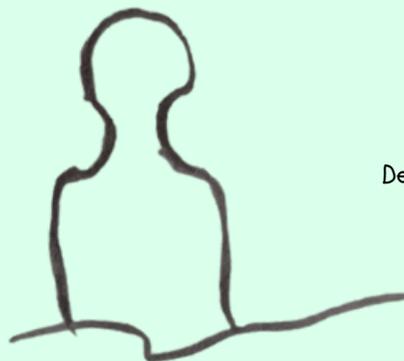
Mesmo com muitos desafios que serão identificados posteriormente, muitas crianças enxergaram as tecnologias como uma maneira de "continuar estudando" durante a pandemia. Para aquelas que responderam sim, foi questionado como elas enxergaram as possibilidades do uso das tecnologias no ensino remoto, as principais respostas foram: "comunicação pelo zap com o professor", "imprimir as atividades", "receber o material de apoio", "fazer pesquisas"



Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 10 anos



Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 10 anos



2.2.2 Possibilidades do uso das tecnologias no ensino remoto



FALAS DAS
CRIANÇAS

A partir do diálogo com as crianças relacionado a essa pergunta fechada, foi permitida uma interessante análise sobre os dois grupos. O grupo que responde “sim, existiu possibilidades do uso das tecnologias no ensino remoto” e outro grupo que responde “não, não existiu possibilidades do uso das tecnologias no ensino remoto”.

Analisaremos algumas falas.

2.2.2 Possibilidades do uso das tecnologias no ensino remoto

"DURANTE A PANDEMIA O CELULAR DA MINHA MÃE AJUDOU A RECEBER OS RECADOS PRA IR BUSCAR AS ATIVIDADES XEROCADAS NA ESCOLA E TIRAR DÚVIDAS COM A PROFESSORA."

Criança de 9 anos, do distrito de Capela em Ceará-Mirim/RN

1

"COM MEU CELULAR JS RECEBIA RECADOS NO GRUPO DA TURMA DO ZAP E AI MINHA TIA IA BUSCAR AS ATIVIDADES XEROCADAS NA ESCOLA."

Criança de 10 anos, do distrito de Terra da Santa em Ceará-Mirim/RN

2

"DEPOIS QUE BUSCAVA AS ATIVIDADES XEROCADAS NA ESCOLA, COM MINHA MÃE E IRMÃ, VIA AS EXPLICAÇÕES NO GRUPO DO ZAP DA TURMA PARA TENTAR FAZER."

Criança de 9 anos, do distrito de Gravatá em Ceará-Mirim/RN

3

"O PROFESSOR FEZ UM GRUPO DE WHATSAPP DA TURMA, ASSIM, RECEBIA VÍDEOS, ÁUDIOS EXPLICANDO A ATIVIDADE DO DIA, TAMBÉM PDFS."

Criança de 12 anos, do Pajuçara em Natal/RN

4

"A PROFESSORA FEZ BLOQUINHOS DE ATIVIDADES MENSIS PRA BUSCAR NA ESCOLA E EU FAZIA COM A AJUDA DA MINHA IRMÃ MAIS VELHA. QUANDO ELA NÃO PODIA ME AJUDAR, PESQUISAVA NO CELULAR DA MINHA MÃE."

Criança de 10 anos, da Vila de Ponta Negra em Natal/RN

5

"RECEBIA AS ATIVIDADES PELO ZAP DA TURMA, AI COM MINHA INTERNET E COMPUTADOR FAZIA TODAS AS ATIVIDADES. TAMBÉM PEGAVA O NÚMERO DA PÁGINA E IA PARA O LIVRO FAZER."

Criança de 12 anos, de Cidade da Esperança em Natal/RN

6



Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 12 anos

2.2.2 Possibilidades do uso das tecnologias no ensino remoto

Percebemos a partir dos depoimentos das crianças que muitas foram as estratégias utilizadas pelas escolas para continuar o ensino, de forma remota. O uso das tecnologias durante a pandemia para algumas crianças aconteceu de forma espontânea, pois já faziam uso com frequência e tinham acesso à internet em suas casas. O WhatsApp foi a ferramenta de comunicação que aproximou a escola das crianças nesse momento de isolamento e aulas remotas, mesmo que para algumas crianças, em sua maioria as da zona rural, fosse apenas para receber os recados do dia e horário para buscar as atividades xerocadas na escola.

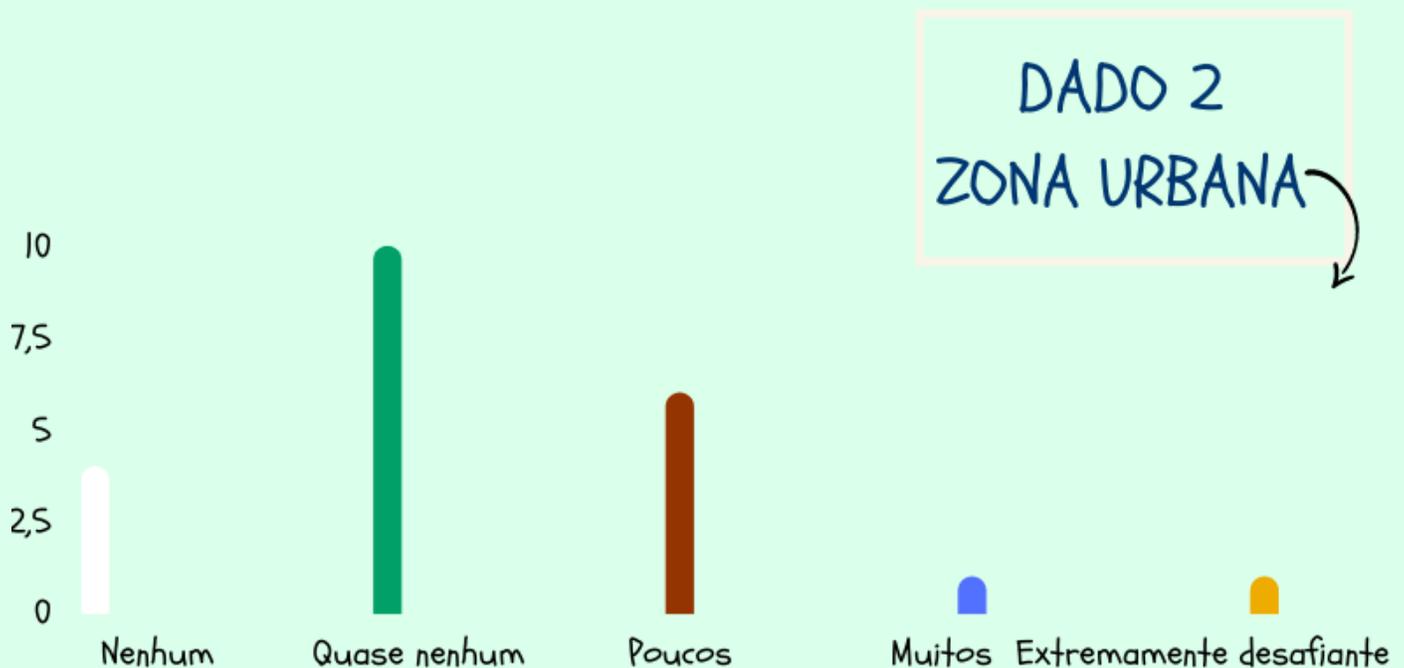
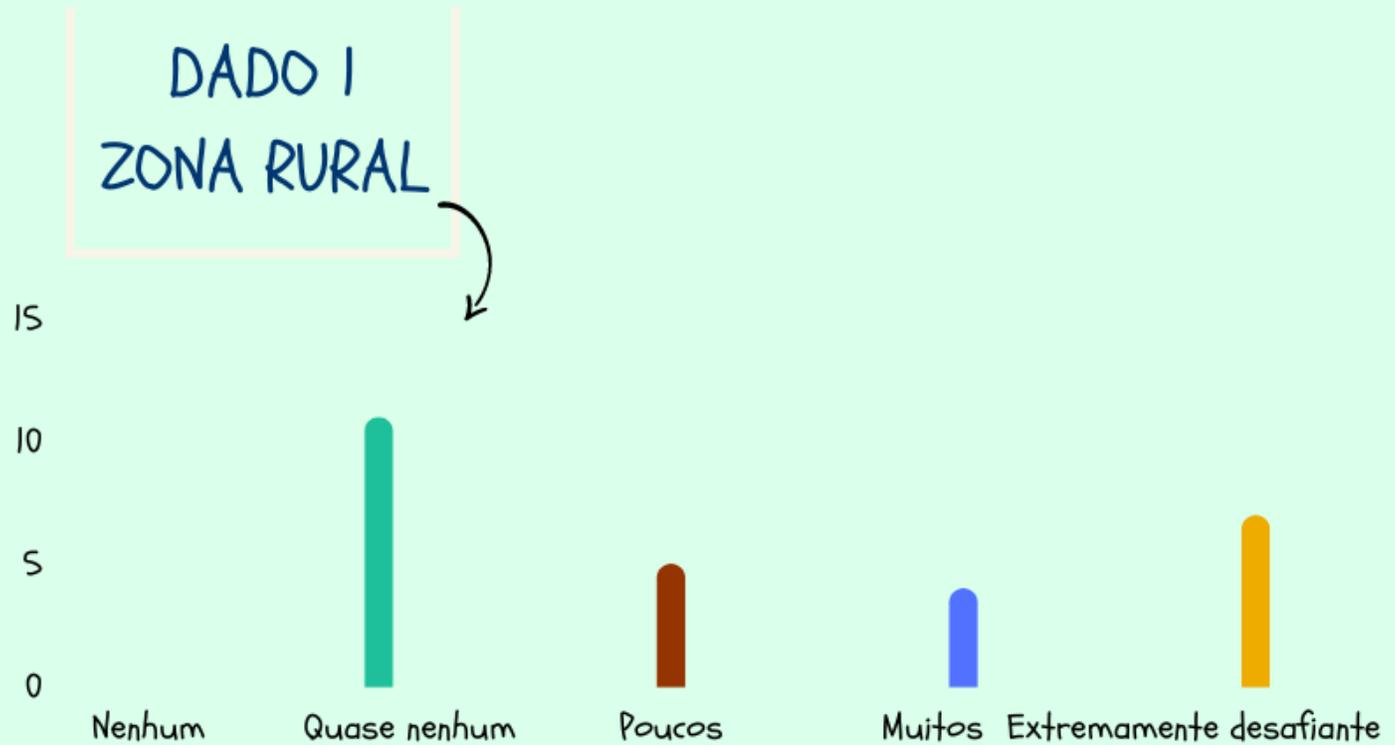
Também percebemos uma tendência de que as crianças tiveram boas relações nos ambientes familiares. É importante lembrar que, como indicam os estudos sobre as crianças da faixa etária pesquisada (9 a 12 anos) e como também foi constatado nesta pesquisa, a família aparece como lugar central.



Desenho de uma criança da zona rural de Ceará-Mirim/RN, 12 anos

Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 12 anos

2.2.3 Desafios do uso das tecnologias no ensino remoto



2.2.3 Desafios do uso das tecnologias no ensino remoto

Os dados acima demonstram os desafios do uso das tecnologias durante o ensino remoto. Para as 27 crianças da zona rural que participaram das aulas durante a pandemia, 42% citam quase nenhum desafio, 18% poucos desafios, 14% muitos desafios e 26% extremamente desafiante. Nenhuma criança da zona rural citou que não teve nenhum desafio.



Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 9 anos



Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 12 anos

Para as 22 crianças da zona urbana que participaram das aulas durante a pandemia, 18% citaram não ter tido nenhum desafio, 47% quase nenhum, 27% poucos desafios, 4% muitos desafios e 4% extremamente desafiante

2.2.3 Desafios do uso das tecnologias no ensino remoto



FALAS DAS CRIANÇAS

A partir do diálogo com as crianças relacionado a essa pergunta fechada, foi permitida uma interessante análise casuística sobre os dois grupos. O grupo que responde "sim, existiu desafios do uso das tecnologias no ensino remoto" e outro grupo que responde "não, não existiu desafios do uso das tecnologias no ensino remoto".

Analisaremos algumas falas.

2.2.3 Desafios do uso das tecnologias no ensino remoto

"A PIOR COISA DA PANDEMIA FOI NÃO SAIR DE CASA E ESTUDAR FOI DIFÍCIL PORQUE O WIFI CAIA MUITO DEVIDO AS CHUVAS."

1

Criança de 9 anos, do distrito de Capela em Ceará-Mirim/RN



Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 12 anos

2

"CONSEGUI PARTICIPAR BEM POUCO DAS ATIVIDADES PORQUE MEU CELULAR CAIU NO CHÃO E QUEBROU, AI FIQUEI SEM SABER DE NADA DA ESCOLA."

Criança de 10 anos, do distrito de Terra da Santa em Ceará-Mirim/RN

3

"MORAVA LONGE DA ESCOLA, ERA DIFÍCIL IR BUSCAR TODA SEMANA O BLOCO DE ATIVIDADES. MEU CELULAR ERA BEM RUIM PRA VER OS AVISOS DA PROFESSORA."

Criança de 9 anos, do distrito de Gravatá em Ceará-Mirim/RN

4

"TIVE POUCOS DESAFIOS, TINHA INTERNET, CELULAR E COMPUTADOR. CONSEGUIA PESQUISAR AS RESPOSTAS DAS ATIVIDADES E CONVERSAR COM MEUS AMIGOS DA TURMA."

Criança de 12 anos, do Pajuçara em Natal/RN

5

"FOI DIFÍCIL ESTUDAR SEM A AJUDA DA PROFESSORA. MINHA MÃE ME AJUDAVA QUANDO TINHA TEMPO, MAS ME EMPRESTAVA O CELULAR AS VEZES PRA TIRAR DÚVIDA COM A PROFESSORA."

Criança de 10 anos, da Vila de Ponta Negra em Natal/RN

6

"MORAVA LONGE DA ESCOLA, MAS IMPRIMIA AS ATIVIDADES QUE RECEBIA PELO ZAP, PORÉM A IMPRESSORA QUEBROU E NÃO IMPRIMI MAIS E FAZIA SÓ AS DO LIVRO."

Criança de 10 anos, de Cidade da Esperança em Natal/RN

2.2.3 Desafios do uso das tecnologias no ensino remoto

A partir das falas acima vemos não apenas a falta da escola para alguns alunos, mas também uma série de desafios associados ao ensino remoto. Várias crianças entrevistadas relataram também falta de concentração, dor de cabeça de tanto olhar para tela e saudade de andar pela escola, ver pessoalmente os professores e os amigos.

A análise das falas permite afirmar que a escola possui um lugar central na vida das crianças e que elas o reconhecem e são capazes de expressar seus sentidos e vivências nos diferentes aspectos: as condições e a importância da aprendizagem dos conteúdos, a importância das interações cotidianas com os professores no ambiente da escola para que a aprendizagem aconteça e seja mais prazerosa, bem como a importância da companhia dos amigos como um fator que favorece a apreensão do que é ensinado.

As manifestações das crianças sobre o ensino remoto revelam a impossibilidade de se naturalizar a ideia de ensino remoto na educação básica, especialmente para os alunos da zona rural, uma vez que as formas de aprender precisam contar com condições que ultrapassam processos didáticos de organização e transmissão dos conteúdos, passando pelos ambientes de sociabilidade entre as crianças e delas com os adultos na escola.

Escutar essas crianças no pós pandemia permitiu evidenciar que a sociabilidade é condição para o aprendizado escolar, constituindo-se em subsídio, ofertado pelas próprias crianças, para a reflexão sobre os projetos pedagógicos das escolas.

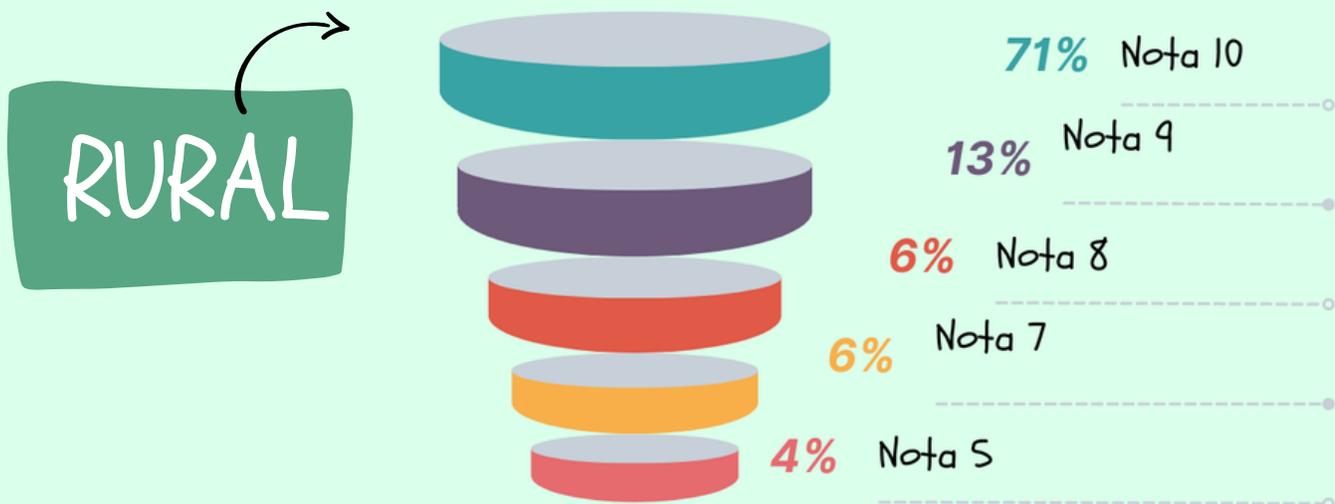


Desenho de uma criança da zona urbana de Natal/RN, 12 anos

2.2.4 Retorno para o presencial, pós pandemia



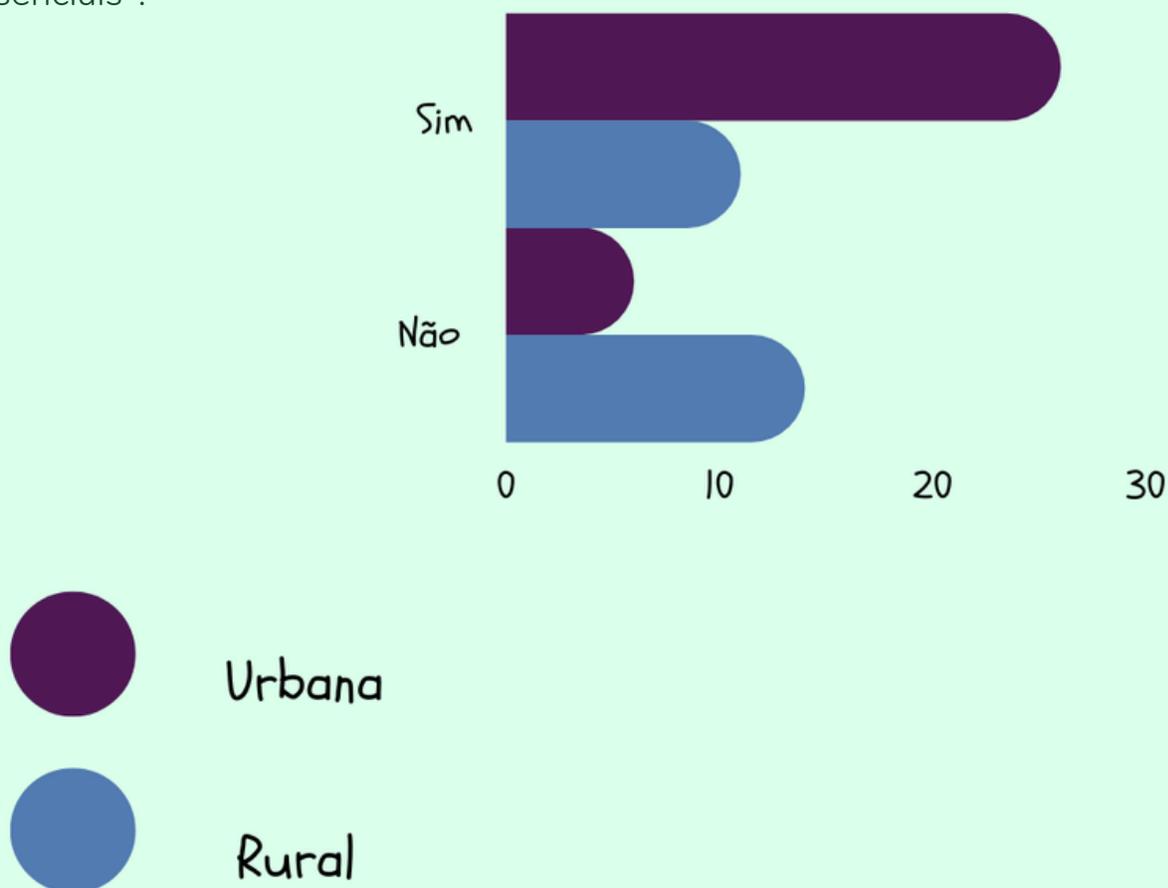
As notas dadas pelos alunos para o retorno presencial da zona urbana variam de 0-10, enquanto na zona rural variam de 5-10. Percebemos que para grande parte das crianças entrevistadas, seja da zona rural ou urbana, estava ansiosa pelo retorno presencial em 2022, para conviver e interagir com professores e colegas novamente. Alguns alunos, os que deram notas abaixo de 5, estavam preocupados com a contaminação que poderia estar presente no retorno presencial.



2.2.4 Retorno para o presencial, pós pandemia

Das 32 crianças entrevistadas da zona rural, 83% responderam que as tecnologias ajudariam no pós pandemia e 17% acreditam que não. As crianças que responderam sim acreditam que as tecnologias ajudariam a ter "aulas mais legais e divertidas", a "aprender matemática" por exemplo, uma "matéria mais complicada" para as crianças, a "pesquisar na internet", a "jogar coletivamente jogos ligados aos conteúdos que estão aprendendo em sala de aula" e a se "enturmar com novos colegas da escola".

Na zona urbana, 44% das crianças responderam que as tecnologias ajudariam no pós pandemia e 56% que não. As crianças que responderam sim acreditam que as tecnologias ajudariam com "atividades em grupo", "facilitaria a professora explicar assuntos mais difíceis" e para "fazer pesquisas durante as aulas presenciais".



Considerações finais

A principal justificativa desta pesquisa é o compromisso da pesquisadora vinculada ao PPgITE/UFRN com os direitos das crianças. Consideramos a relevância de conhecer os sentidos e vivências das crianças diante da emergência sanitária e social. Diferentes estratégias educacionais foram criadas, mas interessávamos a escuta das próprias crianças. Dedicamo-nos, então, a construir um instrumento que, somado a uma aproximação presencial mais observadora, pudesse ser aplicado e fosse capaz de apreender, em alguma medida, os pontos de vista das crianças. Pretendíamos compreender as condições das crianças em seus mundos sociais.

Neste e-book, por seu caráter conclusivo, foi possível aprofundar as reflexões sobre as desigualdades sociais, territoriais, raciais e de gênero. Concluir este trabalho foi, para mim, um desafio não apenas teórico, mas também ético e político, qual seja, o de compreender os sentidos e as vivências das crianças e a condição infantil à luz das múltiplas desigualdades.

As entrevistas, realizadas com 57 crianças dentre as participantes, de forma presencial, bem como a manifestação das crianças com os desenhos foi de extrema relevância para o tratamento e análise do objeto dessa investigação.

As crianças revelaram, em suas falas, capacidade de resistência, consciência de suas condições de vida, dos seus direitos, responsabilidades, dos direitos de suas famílias e do contexto da crise sanitária, social e política que se viveu. Seus sentidos e vivências nos permitem afirmar que elas podem e devem falar por si mesmas sobre suas necessidades e demandas.

Referências

- ALMEIDA, Ana Nunes de. Para uma Sociologia da Infância: jogos de olhares, Pistas para Investigação. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2009.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar 2021. Indicadores Educacionais. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>>. Acesso em: 03 dez. 2022.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei-8069-1990-estatuto-crianca-adolescente-eca.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2022.
- CHRISTENSEN, Pia; PROUT, Alan. Working with ethical symmetry in social research with children. *Childhood*, 2002.
- CRUZ, Silvia Helena Vieira. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.
- GAITÁN, L. Muñoz; LIEBEL, M. Ciudadanía y derechos de participación de los niños. Madrid: Síntesis, 2011.
- LIEBEL, Manfred. Infancias dignas, o cómo descolonizarse. Lima: IFEJANT, 2019
- MARTINS FILHO, Altino José; BARBOSA, Maria Carmem S. Metodologia de pesquisas com crianças. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 18, n.2, jul./dez., p. 08-28, 2010.
- MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. 213p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14 Ed. São Paulo/SP: Editora Hucitec, 2014.
- ONU. Convenção sobre os Direitos da Criança. 1989. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca#:~:text=A%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20os%20Direitos,Foi%20ratificado%20por%20196%20pa%C3%ADses.>> Acesso em: 01 dez. 2022.
- ROCHA, Edmar José da; ROSEMBERG, Fúlvia. Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos/as. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 759-799, set./dez. 2007.
- SARMENTO, Manuel; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (org). *Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais*. 2. ed. RJ: Vozes, p. 17-39, 2009.
- TRINCA, W. Formas lúdicas de investigação em psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Família com Estórias. São Paulo: Vetor, 2020.

Apêndice

APÊNDICE A – TCLE para pais de menores

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INOVAÇÃO EM TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
(Para os responsáveis legais dos menores de 18 anos)

Esclarecimentos

Estamos solicitando a você a autorização para que o menor pelo qual você é responsável participe da pesquisa: Ensino e aprendizado remoto habilitados por tecnologias durante o COVID-19: sentidos e vivências de alunos e professores de áreas urbanas e rurais, que tem como pesquisadora responsável: Luana Campos Gines Lorena de Souza. Esta pesquisa pretende investigar os sentidos e as vivências dos alunos e professores, oriundos de diferentes realidades, sendo estas urbanas e rurais, sobre o papel das tecnologias no enfrentamento à pandemia da COVID-19.

O motivo que nos leva a fazer este estudo está relacionado com as mudanças no ensino devido a pandemia da COVID-19, que causou muitos impactos, e exigiu que escolas, professores e alunos se adaptassem a uma nova maneira de ter e fazer aula, em especial com o uso de computadores e celulares.

Para realizar a pesquisa será aplicado um questionário aos alunos, durante uma manhã de aula. Além disso, os alunos realizarão desenhos sobre a vivência deles durante a pandemia. A pesquisa terá duração de duas horas no máximo.

Durante a realização da pesquisa se seu filho não estiver gostando, estiver cansado e não quiser realizar a atividade, nós iremos suspender sem nenhum prejuízo. Para que isso não aconteça iremos para um lugar mais calmo e reservado, além disso, o/a professor/a do seu filho/a estará junto no momento da entrevista. Mas, terá benefícios, como a contribuição que seu filho poderá dar para que possamos compreender e superar os impactos dessa pandemia.

Além disso, você não receberá nenhum pagamento para que seu/ sua filho/a participe desta pesquisa, mas também, não terá nenhuma despesa. Você também terá direito a indenização no caso de qualquer dano que eventualmente aconteça e que for produzido pela pesquisa.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas, com a pesquisadora Luana Campos Gines Lorena de Souza, residente à R. Hiroshi Ienaga, 1170, com e-mail luanagines@hotmail.com e telefone 84 9 9980-3309.

Você tem o direito de não autorizar ou retirar o seu consentimento da participação do menor em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para o mesmo.

Os dados que o menor irá fornecer serão confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, sempre de forma anônima, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Esses dados serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos.

Qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa você poderá ligar para a professora orientadora desta pesquisa, Izabel Hazin, no telefone (84) 9 8849-1970, ou para o Comitê de Ética em Pesquisa UFRN - Lagoa Nova Campus Central (CEP Central/UFRN) – instituição que avalia a ética das pesquisas antes que elas comecem e fornece proteção aos participantes das mesmas – da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos telefones (84) 3215-3135 ou (84) 9.9193-6266, e-mail cepufrn@reitoria.ufrn.br. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08h00min às 12h00min e das 14h00min às 18h00min, na Rua das Artes, s/n. Campus Central UFRN. Lagoa Nova. Natal/RN. CEP: 59075-000.

Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável Luana Campos Gines Lorena de Souza.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa Ensino e aprendizado remoto habilitados por tecnologias durante o COVID-19: sentidos e vivências de alunos e professores de áreas urbanas e rurais, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Local e data _____

Assinatura do responsável legal

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisadora responsável pelo estudo Ensino e aprendizado remoto habilitados por tecnologias durante o COVID-19: sentidos e vivências de alunos e professores de áreas urbanas e rurais, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo.

Local e data _____

Assinatura da pesquisadora responsável

Apêndice

APÊNDICE B – TALE para alunos

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INOVAÇÃO EM TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Para crianças e adolescentes (maiores que 6 anos e menores de 18 anos) e para legalmente incapaz.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa Ensino e aprendizado remoto habilitados por tecnologias durante o COVID-19: sentidos e vivências de alunos e professores de áreas urbanas e rurais, coordenada pela pesquisadora Luana Campos Gines Lorena de Souza, telefone 84 9 9980-3309. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos investigar os sentidos e as vivências dos alunos e professores, oriundos de diferentes realidades, sendo estas urbanas e rurais, sobre o papel das tecnologias no enfrentamento à pandemia da COVID-19. As crianças que irão participar desta pesquisa têm entre 8-10 anos de idade.

Durante a realização da pesquisa você poderá ter desconforto ou cansaço ao responder as perguntas. Para que isso não aconteça iremos para um lugar mais calmo e reservado, além disso, sua/seu professor/a está junto com você. Mas, se ainda assim estiver desconfortável, você pode suspender a entrevista no momento que quiser, e não terá problemas. Mas, terá benefícios, como poder compartilhar como foi estudar durante a pandemia. Além disso, a pesquisa produzirá dados pós pandemia, para a educação brasileira.

A pesquisa será feita na sua escola. Você responderá a um questionário simples e fará alguns desenhos. Caso você se sinta cansado ou não esteja gostando das atividades, você poderá pedir para parar a qualquer momento sem nenhum prejuízo. A sua participação é muito importante para que a gente possa entender o impacto da pandemia e assim superá-la.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados na Dissertação da pesquisadora e num e-book, produto final desta dissertação, mas sem identificar as crianças que participaram.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa Ensino e aprendizado remoto habilitados por tecnologias durante o COVID-19: sentidos e vivências de alunos e professores de áreas urbanas e rurais.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma via deste termo de assentimento. A outra via ficará com a pesquisadora responsável Luana Campos Gines Lorena de Souza. Li o documento e concordo em participar da pesquisa.

Local e data _____

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora

Apêndice

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista para alunos

DADOS GERAIS:

1. Idade:
8 anos ()
9 anos ()
10 anos ()
11 anos ()
2. Sexo:
Feminino ()
Masculino ()
3. Cor/Raça:
Parda ()
Pedro ()
Amarela ()
Indígena ()
4. Turma:
4° ano ()
5° ano ()
5. Nome da escola:
6. Localização da escola:
Natal ()
Ceará-Mirim ()
Zona Rural ()
Zona Urbana ()
7. Repetiu de ano alguma vez?
Sim () Qual ano?.....
Não ()
8. Faz aula de reforço?
Sim () Quantas vezes na semana?.....
Não ()
9. Você mora nas proximidades da escola?
Sim ()
Não () Onde?.....
10. Com quem você mora?
Pai ()
Padrasto ()
Mãe ()
Madrasta ()
Avó ()
Avô ()
Irmãos ()
Tia ()
Outra pessoa () Quem?.....

DADOS ESPECÍFICOS SOBRE AS TECNOLOGIAS:

11. Quais as tecnologias você tem em casa e usa?
Computador de mesa ()
Notebook ()
Smartphone ()
Tablet ()
Outra () Quais?.....
12. Conhece outras tecnologias?
Sim () Quais?.....
Não ()
13. Você participou das aulas durante a pandemia?
Sim ()
Não () Porque?.....
14. Como aconteceram suas aulas durante a pandemia?
Ensino remoto ()
Não teve aula ()
Com atividades xerocadas ()
Com atividades pelo WhatsApp ()
Com uso de vídeos ()
Com uso de áudios ()
Com uso de jogos ()
De outra maneira () Como?.....
15. As tecnologias ajudaram a você ter aula, durante a pandemia?
Sim () Como?
16. Teve desafios ao utilizar as tecnologias durante a pandemia?
Quase nenhum ()
Poucos ()
Muitos ()
Extremamente desafiante ()
17. Como se sentiu quando retornou as aulas no formato presencial? De uma nota de 0-10 as suas expectativas ()
18. Você acha que as tecnologias poderiam ajudar nas aulas presenciais, no pós pandemia?
Sim () Como?
- Não ()

